

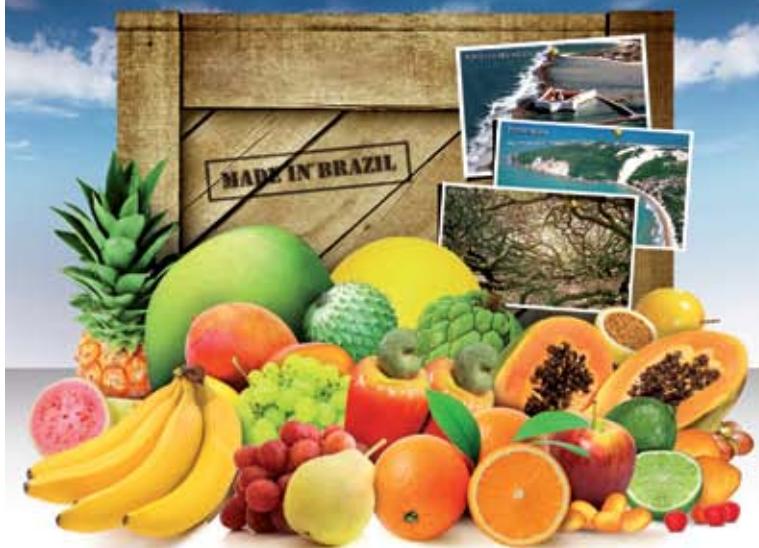


XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE FRUTICULTURA

17 a 22 outubro 2010

Centro de Convenções - Natal-RN
www.fruticulturanatal2010.com

Frutas: Saúde, inovação e sustentabilidade.



PARA USO DOS CORREIOS

- | | |
|--|--|
| 1 <input type="checkbox"/> Mudou-se | 2 <input type="checkbox"/> Falecido |
| 3 <input type="checkbox"/> Desconhecido | 4 <input type="checkbox"/> Ausente |
| 5 <input type="checkbox"/> Recusado | 6 <input type="checkbox"/> Não procurado |
| 7 <input type="checkbox"/> Endereço incompleto | 8 <input type="checkbox"/> Não existe o número |
| 9 <input type="checkbox"/> _____ | 10 <input type="checkbox"/> CEP incorreto |

Reintegrado ao Serviço Postal em _____ / _____ / _____
Em _____ / _____ / _____
Responsável _____



Impresso
Especial
9912227297-2009 - DR/SP1
FEALQ
... CORREIOS ...

Uma publicação do CEEPEA USP/ESALQ
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
Tel: 19 3429.8808 - Fax: 19 3429.8829
e-mail: htbrasil@esalq.usp.br

IMPRESSO

EXTRA!
Impacto da La Niña na
hortifruticultura

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
VENDA PROIBIDA

www.ceppa.esalq.usp.br/hfbrasil

Uva

GESTÃO SUSTENTÁVEL

Como lucrar em tempos de dólar fraco?

Virose na sua plantação, só se você não usar Chess.



ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SÓS RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO.
ANDEF
ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE DEFESA FERMENTADA

c.a.s.a.
0800 704 4304

www.syngenta.com.br

Se você é produtor de melão ou tomate, use Chess para acabar com a transmissão de virose na sua plantação. Ele é o único inseticida no mercado que funciona paralisando a alimentação do pulgão e da mosca-branca e, com isso, impedindo que eles transmitam virose que atrapalha a sua plantação. Para garantir uma boa produção e frutos com vigor, use Chess.

Chess. Estratégico contra as viroses.



syngenta.



ESPECIAL FRUTAS: UM TRABALHO DE EQUIPE



João Paulo Bernardes Deleo é o autor da *Matéria de Capa* sobre gestão sustentável da uva do Vale do São Francisco

Este é o primeiro *Especial Frutas* da **Hortifrut Brasil!** Os resultados apresentados nesta edição referem-se à uva produzida no Vale do São Francisco com destino principal ao mercado externo. E após dois anos de estudo sobre aquela região, só nos resta agradecer aos agentes dos diversos segmentos do mercado. Os resultados da pesquisa que apresentamos nesta edição é um esforço conjunto da Equipe **Hortifrut Brasil** com produtores e agrônomos do Vale do São Francisco e da Bayer CropSciences, empresa parceira que viabilizou financeiramente o projeto.

Levantar o custo completo de produção da cadeia de uva voltada ao mercado exportador – e em três escalas de produção: pequena, média e grande – não foi tarefa simples. Os trabalhos se iniciaram no segundo semestre de 2008 e só terminaram em meados de 2010 devido à complexidade das variáveis a serem calculadas, checadas e analisadas. O ponto central do trabalho foi a realização dos Painéis com grupo de produtores e agrônomos do Vale do São Francisco em janeiro de 2009. Os dados e as interpretações derivadas das planilhas de custo foram checados e validados pelos participantes desses Painéis. Nossa muito obrigado àqueles profissionais que, voluntariamente, deixaram suas atividades do dia-a-dia para contribuir com a nossa pesquisa.

Convidamos um representante para dar sua opinião sobre os resultados do estudo no *Fórum* desta edição, o engenheiro agrônomo Newton Shun Iti Matsumoto. Outro parceiro importante nesta empreitada é o economista Renato Garcia Ribeiro, da Equipe Custos Cepea/Esalq, que tem participado das atividades de campo com a equipe **Hortifrut Brasil**.

Mesmo com a uva do Vale do São Francisco sendo uma referência de qualidade e eficiência comercial, produzida para os mais exigentes mercados, como o da Inglaterra, sua sustentabilidade econômica, a exemplo da de outras cadeias de frutas, pode ser questionada no médio prazo. As pressões vêm dos elevados custos de produção e dos preços em queda por conta do Real valorizado.

Como se manter sustentável nesse cenário? Na *Matéria de Capa* e no *Fórum* são sugeridas algumas providências: ampliar as negociações bilaterais, melhorar a eficiência agronômica, “enxugar” a infraestrutura, aprimorar a eficiência comercial e mudar as variedades, buscando maior produtividade. Como primeiro passo, a nossa recomendação é que sejam avaliados com rigor os gastos, custos fixos e dívidas. Uma alternativa para organizar as informações é a planilha de custo utilizada pela **Hortifrut Brasil** e exposta na *Matéria de Capa*. Esta planilha proporciona a identificação do Custo Total e, a este, devem ainda ser acrescentadas as dívidas de anos anteriores. Com essas providências, o produtor terá uma avaliação razoavelmente clara da efetiva rentabilidade da cultura.

Produtos inovadores, tradicionais e de confiança, aprovados por quem mais entende do assunto: Os Agricultores.

CERTIFICADO
Este produto é pertencente à classe Inseticida. Leda ativamente e respeitadamente as instruções contidas no rótulo, na folha e no recinto. Utilize sempre equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por pessoas de idade. Consulte sempre um Organismo Agrônomo. Venda sob recomendação agrônoma.

SIM
Sociedade Integradora da Hortifrut

MILENIA
Soluções que valorizam a vida
www.milenia.com.br

MAKITOSHIM AGAN

EXTRA!

LA NIÑA E OS IMPACTOS NA HORTIFRUTICULTURA

Em entrevista à **Hortifrut Brasil**, Paulo Etchichury, sócio-diretor da Somar Meteorologia, confirmou a ocorrência do *La Niña* a partir da primavera de 2010. O fenômeno deve persistir até maio de 2011. A previsão é que o *La Niña* apresente uma intensidade de moderada a forte, semelhante à de 1998/1999, quando também se formou após a ocorrência do *El Niño*. Segundo Etchichury, é difícil prever as consequências climáticas por região no Brasil, uma vez que o *La Niña* não é o único fator que determina o clima de uma região – há, ainda, influências regionais. A seguir, apresentamos as previsões da Somar feitas no final de julho.



- **Nordeste:** Em tese, o fenômeno *La Niña* traz mais chuvas para o Nordeste, mas, neste ano, serão atrasadas. Em outubro, haverá melhor definição da intensidade das chuvas. Assim, para o Nordeste como um todo, a primavera deve ser de clima seco. No semi-árido nordestino, incluindo o Vale do São Francisco, a seca persists até o final do ano, havendo expectativa de maior volume de chuvas entre fevereiro e abril. Na faixa leste (litoral), incluindo o Rio Grande do Norte, o tempo também deve ser seco daqui para frente, com a volta das chuvas entre março e abril. Tanto para o semi-árido quanto para o litoral, além do *La Niña*, há influência de frentes frias e do aquecimento das águas do Oceano Atlântico Norte e Sul – águas do Atlântico Norte frias e do Atlântico Sul quentes resultam em mais chuva, já águas quentes do Atlântico Norte e frias do Atlântico reduzem as chuvas. No sul da Bahia e no norte do Espírito Santo, deve haver atraso das chuvas de primavera, que podem retornar entre o final de outubro e novembro, dependendo das frentes frias.



- **São Paulo, Minas Gerais e Goiás:** Em São Paulo, boa parte de Minas Gerais e de Goiás, a expectativa é que o *La Niña* resulte em atraso nas chuvas de primavera. As chuvas devem voltar gradualmente a partir do final de outubro, mas o verão ainda pode ser de pouca água. De modo geral, as chuvas retornam ao normal com o enfraquecimento do *La Niña*.

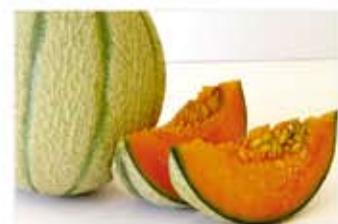
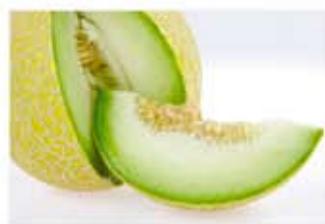


- **Sul:** O Sul do País, que vem de um *El Niño* chuvoso, deve apresentar primavera com clima seco, mas dentro do normal. Porém, há risco de estiagem no verão, quando normalmente choveria. Assim, as lavouras de verão podem enfrentar períodos mais secos. Por enquanto, não há expectativa de normalização das chuvas – enquanto o *La Niña* influenciar o clima, o tempo poderá ser mais seco que o normal.

Com base nas previsões da Somar, a equipe da **Hortifrut Brasil** avaliou o impacto do fenômeno *La Niña* na produção dos hortifrutícolas. A análise por cultura encontra-se nas Seções desta edição a partir da página 20.



Melão é Nunhems



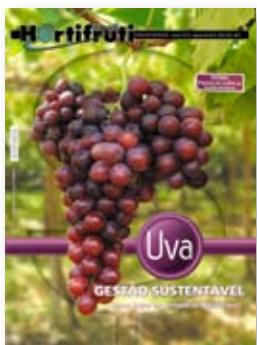
A Nunhems possui no seu portfólio variedades que são referência em qualidade e que atendem as exigências do mercado nacional e do de exportação. Sejam sementes de Gália ou de Magenta, a conclusão é uma: quem planta melões da Nunhems colhe muitos elogios.

the global specialist

Nunhems | Fone:(19) 3733.9500
Fax:(19) 3733.9505 | info.br@nunhems.com

ÍNDICE

CAPA 08



Nesta edição, a Hortifrut Brasil estréia o Especial Frutas! Sob enfoque da sustentabilidade, os resultados apresentados neste especial referem-se a uma fruta em particular: a uva produzida no Vale do São Francisco, no Nordeste. Foram avaliados estudos de caso de pequena, média e grande escala da fruta referente à safra de 2008. Confira!

FÓRUM 33

Leia no Fórum medidas que produtores de uva do Vale do São Francisco podem tomar para reduzir os custos de produção da uva.



HORTIFRUTI BRASIL NA INTERNET

Acesse a versão on-line da Hortifrut Brasil no site: www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

Entre também no blog e no twitter:

www.hortifrutibrasil.blogspot.com
 www.twitter.com/hfbrasil

SEÇÕES

TOMATE		20
CEBOLA		22
BATATA		23
MELÃO		24
CENOURA		25
CITROS		26
MANGA		28
UVA		29
MAÇÃ		30
MAMÃO		31
BANANA		32

EXPEDIENTE

A Hortifrut Brasil é uma publicação do CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP
ISSN: 1981-1837

Coordenador Científico:
Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros

Editora Científica:
Margarete Boteon

Editores Econômicos:
João Paulo Bernardes Deleo, Larissa Pagliuca e Mayra Monteiro Viana

Editora Executiva:
Daiana Braga MTb: 50.081

Diretora Financeira:
Margarete Boteon

Jornalista Responsável:
Ana Paula da Silva MTb: 27.368

Revisão:
Alessandra da Paz, Daiana Braga e Flávia Gutierrez

Equipe Técnica:
Aline Mariana Rodrigues, Fernanda Geraldini, Fernando Cappello, Gabriela Carvalho da Silva Mello, Juliana Natália Custódio Silveira, Keila Inoue, Letícia Julião, Luana Kellen Manarim, Mayra Monteiro Viana, Manuela Silva Silveira, Marcella Moreira Menten, Margarete Boteon, Rafael Augusto Tapetti e Thaís Massoti Menegazzo.

Apoio:
FEALQ - Fundação de Estudos Agrários
Luiz de Queiroz

Diagramação Eletrônica/Arte:
enfase - assessoria & comunicação
19 2111-5057

Impressão:
Gráfica Modelo
19 3728-9000

Contato:
Av. Centenário, 1080 - Cep: 13416-000
Piracicaba (SP)
Tel: 19 3429-8808 - Fax: 19 3429-8829
hfbrasil@esalq.usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil
A revista Hortifrut Brasil pertence ao Cepea

A reprodução dos textos publicados pela revista só será permitida com a autorização dos editores.

AO LEITOR

ESCREVA PARA NÓS. Envie suas opiniões, críticas e sugestões para:
Hortifrut Brasil - Av. Centenário, 1080 - Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP) ou para
hfbrasil@esalq.usp.br

OPINIÃO

Cotações da uva no Vale do São Francisco



No Vale do São Francisco (Petrolina/PE e Juazeiro/BA), já foi iniciada a produção de *thompson* e *crimson*. Quando vocês planejam incluir estas variedades nos relatórios de preços?

Arthur de Souza Jr. - Amadeus Grapes Brasil

Prezado Arthur, os preços das uvas *thompson* e *crimson* do Vale do São Francisco já são coletados pelo Cepea. Para ter acesso a esses valores, o senhor pode se cadastrar na comunidade da Hortifrut Brasil (www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade). Toda segunda-feira é enviada a Seção Eletrônica de Uva com as cotações de todas as variedades, inclusive das sem-semente. Agradecemos o contato e, em caso de dúvida, volte a nos procurar.

Não deixe os fungos
queimarem seus lucros.
Esqueça o passado.

RANMAN

Fungicida

Viva o novo e garanta um futuro rentável.
Novo ingrediente ativo contra Requeima.

Exclusiva Tecnologia

CyForce

- Excelente no manejo de resistência.
- Ação de profundidade translaminar.
- Máxima resistência à chuva.
- Atua em **todas as fases do fungo**.
- **Alta performance com baixas dosagens.**

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas na rotula, na bula e na receita. Use sempre equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITARIO
AGRONÔMICO.



Arysta LifeScience

www.arystalifescience.com.br

GESTÃO SUSTENTÁVEL DA VITICULTURA NO VALE DO SÃO FRANCISCO



Como lucrar em tempos de dólar fraco?

Como manter um negócio baseado na exportação sustentável economicamente em tempos de dólar enfraquecido? Esse é o desafio de muitos produtores de frutas que têm estrangeiros como público principal. Além do dólar relativamente baixo, o setor exportador também enfrenta a ameaça de uma retração no consumo por conta da queda de renda dos principais compradores da fruta brasileira: Estados Unidos e União Européia.

Os países mais ricos, desde a crise financeira de 2008, têm apresentado baixo crescimento econômico e, até o momento, continuam sinalizando modestas estimativas de recuperação para os próximos anos. Isso inibe a perspectiva de forte crescimento na demanda por frutas importadas pelos Estados Unidos e, em especial, pela Comunidade Européia – principal compradora da fruta brasileira.

Em 2010, a ameaça é que a crise fiscal da Europa influencie no consumo das frutas importadas do Brasil. O remédio para sair dessa crise deve ser amargo no velho continente. A tendência é de forte corte dos gastos públicos nos próximos anos para equilibrar o déficit fiscal, levando a um baixo crescimento econômico.

Na década passada, as exportações brasileiras de

frutas frescas tiveram excelente desempenho. Em 2001, a receita exportadora era de US\$ 215 milhões, segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Em 2009, chegou a US\$ 600 milhões. Esse excelente crescimento deveu-se a fatores como aprimoramento das técnicas comerciais da cadeia exportadora nacional, aumento da produtividade e da qualidade da fruta, além do crescimento econômico positivo dos principais países compradores aliado ainda ao câmbio favorável para exportação até 2007.

Já para a década de 2010, a perspectiva é que o cenário macroeconômico não apresente a mesma contribuição positiva da década passada. Assim, a sustentabilidade econômica desse setor vai depender da própria competitividade de cada fruta exportada.

Sob o enfoque da sustentabilidade, a **Hortifrutibrasil** se propõe a ampliar seus estudos sobre gestão também para a fruticultura voltada à exportação. Nesta edição, apresentamos resultados de pesquisa sobre a uva produzida no Vale do São Francisco, no Nordeste. Esta é a principal fruta da pauta de exportação brasileira, responsável por 24% do total da receita nos últimos anos.

CUSTO DE PRODUÇÃO DA UVA NO VALE DO SÃO FRANCISCO

A principal ferramenta para avaliar a sustentabilidade econômica é o cálculo do Custo Total de Produção. A pesquisa que é apresentada nesta edição avaliou três estruturas distintas de produção de uva para exportação no Vale do São Francisco: a de pequena, média e grande escala de produção. A base de cálculo é referente à safra de 2008.

A estrutura das planilhas é similar à adotada em edições especiais anteriores referentes a Tomate e Batata. Assim como nos Especiais dessas culturas, o método de levantamento dos custos foi o Painel. Em janeiro de 2009, parte da equipe da **Hortifrutibrasil** reuniu-se com produtores e técnicos do Vale do São Francisco para estimar o custo de produção em três modelos típicos de propriedade da região, o de pequena, média e de grande escala. A definição e a fórmula do Custo Anual de Reposição do Patrimônio (CARP) expostas nas planilhas de custo encontram-se na edição de maio de 2009 (nº 79), páginas 12 e 13.



f3 agro

Nascer com tradição.
Crescer com inovação.
Isso tem um nome, ou melhor, vários.

 **Cabrio® Top**
Fungicida
com benefícios AgCelence

Stroby® Collis® Forum® Polyram® Delan®

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual.

Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITURÁRIO
AGRONÔMICO.



0800 0192 500 www.agro.bASF.com.br

Linha de produtos BASF
para a cultura de uva:

Nasceu para aumentar a produtividade
e a qualidade do seu vinhedo.

Cresceu junto com você.

 **BASF**
The Chemical Company

CUSTO DE PRODUÇÃO DE UVA NO VALE DO SÃO FRANCISCO:

PROPRIEDADE DE PEQUENA ESCALA



A apuração dos custos de uma propriedade de pequena escala de produção voltada à exportação leva em conta que a proprietário

já tem infra-estrutura mínima para atuar neste segmento, isto é, possui instalações de beneficiamento e a fruta é certificada. No entanto, o custo de produção de uma propriedade de pequena escala não inclui a logística de resfriamento e transporte da fruta do Vale do São Francisco ao porto, estruturas estas incluídas nos custos de unidades de médio e grande portes.

A propriedade considerada típica entre as exportadoras de pequena escala cultiva 12 hectares de uva. No entanto, os custos por hectare apurados na pesquisa são representativos para as propriedades de 5 a 20 hectares na região.

Na tabela abaixo, segue uma breve descrição dessa propriedade típica. Os custos descritos na tabela ao lado englobam a produção de todas as variedades de uva produzidas na fazenda. Ao final da tabela, é apresentada uma

estimativa de custo por variedade, em Reais por quilo.

Ao se dividir a receita bruta pelos custos totais, é possível avaliar o retorno do investimento. Assim, em 2008, para a estrutura de custos da propriedade avaliada, a cada Real investido, o produtor obteve retorno de quatro centavos na média de todas as variedades.

Embora 2008 não tenha sido um ano positivo para o setor quando comparado a períodos anteriores (devido aos baixos preços recebidos pelos produtores), a pequena escala conseguiu um retorno médio positivo (4%). Isso significa que a propriedade foi economicamente sustentável, conseguindo honrar os compromissos financeiros referentes ao ano-safra 2008 e ainda gerar a reserva necessária para o Custo Anual de Reposição do Patrimônio (CARP). Essa avaliação, destaca-se, não deve ser feita para um único ano. Vale lembrar que essa análise é válida para as fazendas de pequeno porte com acesso a tecnologia e a mercados externos, não podendo ser generalizada para todos os produtores de pequena escala de produção.

Perfil de uma propriedade típica de pequena escala de produção – Safra 2008 Vale do São Francisco – Perímetro Público

Características do Plantio

Área (ha): 12

Espaçamento: 4 x 2,5 metros

Plantas/ha: 1.000

Vida útil: 12 anos

Composição por variedade (% da área total)

Sugraone (festival): 35%

Produtividade por variedade (toneladas/ha)

Sugraone (festival): 27

Thompson: 30%

Thompson: 30

Itália melhorada: 35%

Itália melhorada: 48 (*)

Principais itens do inventário da propriedade

Máquinas/Implementos/Utilitários

- 1 trator de 55 CV
- 1 pulverizador de 500 litros
- 1 carreta de 4 toneladas
- 1 polvilhadeira
- 1 roçadeira de 1,6 m de corte
- 1 utilitário

Benfeitorias

- 1 galpão de máquinas e oficina
- 1 depósito de fertilizantes, preparo de caldas e fertirrigação
- 1 refeitório
- 1 banheiro de campo
- 2 casas de funcionários
- 1 estação de tratamento de água

Estrutura básica de beneficiamento: 1 galpão, 1 conjunto de esteiras e mesas e 1 estrutura de resfriamento.

* Produtividade total de 2008: primeira e segunda safras.

Fonte: Cepea

Tabela 1. CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE UVA DE MESA – Vale do São Francisco – Safra 2008
MÓDULO PEQUENA ESCALA: 12 hectares

Itens	R\$/hectare	R\$/kg	%CO	%CT
(A) Insumos	17.460,26	0,52	28,81%	25,00%
Adubação	10.798,68	0,32	17,82%	15,46%
Defensivos	6.661,59	0,20	10,99%	9,54%
(B) Operação Mecânica	1.707,86	0,05	2,82%	2,45%
Pulverizações	1.100,87	0,03	1,82%	1,58%
Aração	46,18	0,00	0,08%	0,07%
Roçagem	14,31	0,00	0,02%	0,02%
Distribuição de adubo mineral e orgânico	210,19	0,01	0,35%	0,30%
Carreta para colheita	336,31	0,01	0,55%	0,48%
(C) Irrigação	940,00	0,03	1,55%	1,35%
(D) Mão-de-obra	26.090,21	0,77	43,05%	37,36%
(E) Equipamentos e Utensílios de Campo	995,79	0,03	1,64%	1,43%
(F) Despesas Gerais	6.189,50	0,19	10,21%	8,86%
Administração da propriedade	3.000,00	0,09	4,95%	4,30%
Assistência técnica	800,00	0,02	1,32%	1,15%
Contabilidade/Escritório	450,00	0,01	0,74%	0,64%
Luz/Telefone	200,00	0,01	0,33%	0,29%
Análise de solo e de folha	144,00	0,00	0,24%	0,21%
Deslocamento de funcionários para campo	600,00	0,02	0,99%	0,86%
Custo c/ utilitário	700,00	0,02	1,16%	1,00%
Outros	295,50	0,01	0,49%	0,42%
(G) Despesas do Packing House e Certificações	475,00	0,01	0,78%	0,68%
(H) Despesas com Frete + Câmara Fria	2.115,00	0,06	3,49%	3,03%
(I) Juros do Capital de Giro	4.628,22	0,14	7,64%	6,63%
(J) Custo Operacional (A+B+C+...+J)	60.601,85	1,80	100,00%	86,79%
(K) CARP	8.700,43	0,26		12,46%
Implantação	6.830,91	0,21		9,78%
Máquinas	860,50	0,03		1,23%
Implementos	458,44	0,01		0,66%
Benfeitorias	388,48	0,01		0,56%
Packing House	162,10	0,00		0,23%
(L) Custo de Oportunidade da Terra	525,00	0,02		0,75%
Custo Total (J+K+L)	69.827,28	2,08		100,00%
Custo Total de Produção por variedade (R\$/kg):				
Sugraone (festival)			R\$ 2,48	
Thompson			R\$ 2,19	
Itália melhorada			R\$ 1,58	

Obs: O custo total por hectare e por quilo (considerando todas as variedades) foi estimado com base no custo individual de cada variedade, ponderado por sua participação.

Fonte: Cepea

CUSTO DE PRODUÇÃO DE UVA NO VALE DO SÃO FRANCISCO: PROPRIEDADE DE MÉDIA ESCALA



No caso da propriedade de média escala, a apuração dos custos levou em conta, além da estrutura de beneficiamento voltada à exportação, os gastos com resfriamento e transporte da fruta até o porto. Para a propriedade de média escala, de forma geral, os custos com resfriamento, embalagem e transporte até o porto são de responsabilidade do produtor.

As propriedades de médio porte localizadas no perímetro público do Vale do São Francisco apresentam entre 21 e 70 hectares. O custo apresentado na tabela ao lado é estimado para uma área de 35 hectares de uva.

Veja na tabela abaixo uma breve descrição da fazenda típica de média escala de produção exportadora. Os custos (tabela ao lado) englobam a produção de todas as variedades de uva produzidas na fazenda. Ao

final da tabela, está a estimativa de custo por variedade, em Reais por quilo.

Para o perfil avaliado de média escala de produção, em 2008, a cada Real investido houve perda de nove centavos, considerando-se a receita bruta obtida em relação aos custos totais. Em termos percentuais, a rentabilidade da propriedade de média escala foi negativa em 9% – resultado inferior, portanto, ao obtido por unidades de pequena escala, com saldo positivo de 4%.

Os baixos preços recebidos em 2008 impactaram severamente na rentabilidade das fazendas de média escala. Por variedade, houve lucro para as variedades *crimson* e *italia* melhorada. No entanto, isso foi insuficiente para quitar os prejuízos gerados pela *sugraone* e *thompson* naquela temporada. Caso o produtor já tenha dívidas de anos anteriores, uma atenção maior deve ser dada para que o patrimônio não seja comprometido.

Perfil de uma propriedade típica de média escala de produção – Safra 2008 Vale do São Francisco – Perímetro Público

Características do Plantio

Área (ha): 35

Espaçamento: 4 x 2,5 metros

Plantas/ha: 1.000

Vida útil: 12 anos

Composição por variedade (% da área total)

Sugraone (festival): 30%
Thompson: 40%
Crimson: 10%
Itália melhorada: 20%

Produtividade por variedade (toneladas/ha)

Sugraone (festival): 25
Thompson: 30
Crimson: 20
Itália melhorada: 50 (*)

Principais itens do inventário da propriedade

Máquinas/Implementos/Utilitários

- 3 tratores
- 4 pulverizadores
- 4 carretas
- 1 arado, grade e subsolador
- 1 roçadeira de 1,6 m de corte
- 2 carros, 1 ônibus e 2 motos

Benfeitorias

- 1 galpão de máquinas e oficina
- 1 depósito de fertilizantes, preparo de caldas e fertirrigação
- 1 refeitório com banheiro em anexo
- 4 banheiros de campo
- 4 casas de funcionários
- 1 estação de tratamento de água e de bombas

Estrutura básica de beneficiamento: 1 galpão completo com banheiro e depósito, 1 conjunto de esteiras, mesas e balanças e 1 estrutura de resfriamento interligada ao packing house.

* Produtividade total de 2008: primeira e segunda safras.

Fonte: Cepea

Tabela 2. CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE UVA DE MESA – Vale do São Francisco – Safra 2008
MÓDULO MÉDIA ESCALA: 35 hectares

Itens	R\$/hectare	R\$/kg	%CO	%CT
(A) Insumos	15.950,55	0,54	17,06%	15,41%
Adubação.....	9.392,93	0,32	10,05%	9,07%
Defensivos.....	6.557,63	0,22	7,01%	6,34%
(B) Operação Mecânica	1.860,12	0,06	1,99%	1,80%
Pulverizações.....	1.148,74	0,04	1,23%	1,11%
Gradagem.....	29,67	0,00	0,03%	0,03%
Roçagem.....	33,34	0,00	0,04%	0,03%
Distribuição de adubo mineral e orgânico.....	352,07	0,01	0,38%	0,34%
Carreta para colheita.....	296,31	0,01	0,32%	0,29%
(C) Irrigação	1.440,00	0,05	1,54%	1,39%
(D) Mão-de-obra	36.480,64	1,24	39,02%	35,24%
(E) Equipamentos e Utensílios de Campo	1.692,03	0,06	1,81%	1,63%
(F) Despesas Gerais	5.052,60	0,17	5,40%	4,88%
Administração da propriedade.....	1.371,43	0,05	1,47%	1,32%
Assistência técnica.....	284,57	0,01	0,30%	0,27%
Contabilidade/Escritório.....	411,43	0,01	0,44%	0,40%
Custo c/ utilitário.....	240,00	0,01	0,26%	0,23%
Deslocamento de funcionários para campo.....	1.028,57	0,04	1,10%	0,99%
Outros.....	1.716,60	0,05	1,83%	1,67%
(G) Embalagem + Câmara Fria	21.063,12	0,70	22,53%	20,35%
(H) Despesas do Packing House e Certificações	342,29	0,01	0,37%	0,33%
(I) Frete (até o porto)	4.847,54	0,17	5,18%	4,68%
(J) Juros do Capital de Giro	4.771,14	0,16	5,10%	4,61%
(K) Custo Operacional (A+B+C+...+J)	93.500,03	3,18	100,00%	90,33%
(L) CARP	9.706,27	0,33		9,38%
Implantação.....	6.770,97	0,23		6,54%
Máquinas.....	888,19	0,03		0,86%
Implementos.....	586,11	0,02		0,57%
Benfeitorias.....	784,20	0,03		0,76%
Packing House.....	676,80	0,02		0,65%
(M) Custo de Oportunidade da Terra	300,00	0,01		0,29%
Custo Total (K+L+M)	103.506,30	3,50		100,00%
Custo Total de Produção por variedade (R\$/kg):				
Sugraone (festival)				R\$ 4,25
Thompson				R\$ 3,46
Crimson				R\$ 4,98
Itália melhorada				R\$ 2,32

Obs: O custo total por hectare e por quilo (considerando todas as variedades) foi estimado com base no custo individual de cada variedade, ponderado por sua participação.

Fonte: Cepea

CUSTO DE PRODUÇÃO DE UVA NO VALE DO SÃO FRANCISCO: PROPRIEDADE DE GRANDE ESCALA

O estudo de custos em unidade de grande escala focou uma propriedade que, além de contemplar a estrutura básica para exportação (*packing house* + certificação), também possui câmara fria e logística do produto até o porto de Recife (PE).

A área cultivada com uva para exportação em um empreendimento de grande escala na região é acima de 150 hectares. Na tabela ao lado, foi estimado o custo de 250 hectares de uva. Ao contrário dos pequenos e médios produtores, os grandes, em geral, não estão inseridos nos projetos públicos de irrigação e, portanto, captam água direto do rio, possuindo sistema de irrigação próprio.

O resultado do custo total nessa propriedade (tabela ao lado) pode ser comparado ao de média escala, mas não com o de pequena, tendo em vista que este não possui gastos com resfriamento e logística de exportação.

No caso da grande escala de produção, o resultado foi

ainda pior que o obtido pela unidade de tamanho médio, havendo lucro apenas com a *crimson*. Vale lembrar que neste trabalho não foram avaliados os preços e os custos após o porto de Recife devido à dificuldade de obtenção de tais dados. Muitos dos produtores que se enquadram neste perfil, no entanto, são os próprios exportadores que comercializam a fruta no exterior, fato que pode ter amenizado as perdas. No geral, a rentabilidade foi negativa. A cada Real investido o retorno foi negativo em 14 centavos.

Avaliando os três estudos de custo, observamos que não há um aumento na eficiência conforme aumenta a escala produtiva, muito embora as grandes propriedades tenham melhor poder de barganha nas negociações de compra de insumos. Conforme aumenta a escala de produção, a tendência é de aumento mais que proporcional dos gastos com mão-de-obra devido ao aumento dos custos administrativos com a gestão dos muitos trabalhadores do campo e do *packing house*, tendo em vista a complexidade produtiva da viticultura.

Perfil de uma propriedade típica de grande escala de produção – Safra 2008 Vale do São Francisco

Características do Plantio

Área (ha): 250

Espaçamento: 4 x 2,5 metros

Plantas/ha: 1.000

Vida útil: 12 anos

Composição por variedade (% da área total)

Sugraone (festival): 32,2%

Produtividade por variedade (toneladas/ha)

Sugraone (festival): 25,8

Thompson: 32%

Thompson: 25,0

Crimson: 12,4%

Crimson: 22,7

Itália melhorada: 23,4%

Itália melhorada: 39,8 (*)

Principais itens do inventário da propriedade

Máquinas/Implementos/Utilitários

- 16 tratores
- 12 pulverizadores
- 36 carretas
- 1 arado, 3 grades, 1 subsolador, 1 sulcador
- 3 roçadeiras
- 2 utilitários, 1 van e 10 motos

Benfeitorias

- 1 galpão de máquinas e oficina
- Depósitos para armazenar fertilizantes, defensivos, embalagens
- Casas para preparo de caldas e fertirrigação
- Refeitório com banheiro em anexo
- 15 banheiros de campo
- 2 estações de tratamento de água

Estrutura básica de beneficiamento: 2 galpões completos com banheiros, vestiário e escritório, 2 conjuntos de esteiras, mesas e balança, 2 estruturas de resfriamento interligada ao *packing house* e 6 paleteiras.

* Produtividade total de 2008: primeira e segunda safras.

Fonte: Cepea

Tabela 3. CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE UVA DE MESA – Vale do São Francisco – Safra 2008
MÓDULO GRANDE ESCALA: 250 hectares

Itens	R\$/hectare	R\$/kg	%CO	%CT
(A) Insumos	15.811,47	0,57	16,65%	14,95%
Adubação.....	9.338,33	0,34	9,83%	8,83%
Defensivos.....	6.473,14	0,24	6,82%	6,12%
(B) Operação Mecânica	2.136,31	0,08	2,25%	2,02%
Pulverizações.....	1.205,15	0,04	1,27%	1,14%
Gradagem.....	29,67	0,00	0,03%	0,03%
Roçagem.....	25,01	0,00	0,03%	0,02%
Distribuição de adubo.....	543,23	0,02	0,57%	0,51%
Colheita.....	333,26	0,01	0,35%	0,32%
(C) Irrigação	1.800,00	0,07	1,90%	1,70%
(D) Mão-de-obra	38.567,50	1,39	40,61%	36,47%
(E) Equipamentos e Utensílios de Campo	1.453,94	0,05	1,53%	1,37%
(F) Despesas Gerais	4.865,77	0,18	5,12%	4,60%
Informática (software + manutenção).....	240,00	0,01	0,25%	0,23%
Vigilância e segurança.....	384,00	0,01	0,40%	0,36%
Luz/Telefone.....	240,00	0,01	0,25%	0,23%
Deslocamento de funcionários para campo.....	1.980,00	0,07	2,08%	1,87%
Outros.....	2.021,77	0,08	2,14%	1,91%
(G) Embalagem	17.914,43	0,63	18,86%	16,94%
(H) Despesas do Packing House e Certificações	290,12	0,01	0,31%	0,27%
(I) Câmara Fria (equipamentos e manutenção)	979,36	0,04	1,03%	0,93%
(J) Frete (até o porto)	5.434,53	0,21	5,72%	5,14%
(K) Juros do Capital de Giro	5.712,22	0,21	6,02%	5,40%
(L) Custo Operacional (A+B+C+...+K)	94.965,64	3,44	100,00%	89,80%
(M) CARP	10.367,26	0,38		9,80%
Implantação.....	6.444,40	0,24		6,09%
Máquinas.....	564,17	0,02		0,53%
Implementos.....	317,84	0,01		0,30%
Benfeitorias.....	1.113,84	0,04		1,05%
Packing House.....	985,42	0,04		0,93%
Câmara Fria.....	941,59	0,03		0,89%
(N) Custo de Oportunidade da Terra	420,00	0,02		0,40%
Custo Total = (L+M+N)	105.752,88	3,83		100,00%
Custo Total de Produção por variedade (R\$/kg):				
Sugraone (festival)				R\$ 4,16
Thompson				R\$ 4,12
Crimson				R\$ 4,00
Itália melhorada				R\$ 2,89

Obs: O custo total por hectare e por quilo (considerando todas as variedades) foi estimado com base no custo individual de cada variedade, ponderado por sua participação.

Fonte: Cepea

GESTÃO SUSTENTÁVEL DA UVA NO VALE DO SÃO FRANCISCO

A sustentabilidade econômica da cultura de uva no Vale do São Francisco passa por uma política de apoio à comercialização e também por forte ajuste agronômico (aumento da produtividade) e gerencial nas propriedades, especialmente voltado à mão-de-obra. É necessário também que as propriedades de média e de grande escala tenham estruturas mais “enxutas”, de modo que o efeito escala de produção se converta a favor desses grupos. Sem esses ajustes, a produção em propriedades médias e grandes pode se tornar inviável no médio prazo no Vale São Francisco, levando em conta o cenário macroeconômico previsto para a atual década: Real valorizado e queda do poder aquisitivo dos Estados Unidos e da União Européia.

Quanto à pequena escala de produção, apesar dos custos mais baixos de produção observados no estudo, o grande desafio é o ganho

na eficiência comercial, no sentido de agregar mais valor à fruta.

A mão-de-obra é o principal gasto na produção de uva no Vale do São Francisco, independente da escala de produção, e, por isso, deve ser um dos focos quando o assunto é gestão sustentável. A recomendação é que os produtores desenvolvam métodos de indicadores de produtividade da mão-de-obra e programas de incentivos (bonificação). Nas propriedades de menor porte, o proprietário, muitas vezes, faz essa avaliação informalmente, mas é importante que pense também num sistema de incentivos aos funcionários. Nas fazendas de maior porte, a eficiência e qualidade da mão-de-obra no campo e no packing house podem ser gerenciadas por um grupo de funcionários, focados em melhorar a produtividade da mão-de-obra. Os programas de incentivo já citados pelas propriedades são,

• ESCOLHA MAIS PROTEÇÃO •



Ampla proteção com excelente ação sistêmica e rápida penetração.

A Formulação de grânulos dispersíveis (WG) é concentrada e confere ao produto segurança e facilidade no manuseio.

Muito indicado para manejo de resistência de doenças.

Prevenção em Dose Dupla

Combinação exclusiva: Cimoxanil e Clorotalonil

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilizar sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRONÔMICO,
VENDA SOU RECEITURÍO
AGRONÔMICO.



SIPCAM ISAGRO

www.sipcam-isagro.com.br



SÃO FRANCISCO

além de bonificações financeiras, incentivos à família, como escola e planos médicos. Além de programas de melhoria na gestão de pessoas, outro grande desafio é desenvolver tecnologias para a produção da uva que minimizem a demanda por mão-de-obra.

Como observado nas tabelas, além do elevado custo total de produção, há grande complexidade de seus componentes, seja numa fazenda de pequena, média ou grande escala de produção. A pequena escala se mostrou a mais competitiva dentre as três analisadas na safra 2008. Tal fato pode estar relacionado ao grupo diferenciado de pequenos produtores avaliados no estudo: alta produtividade e acesso ao mercado externo. Além disso, nas pequenas propriedades é o dono da fazenda quem gerencia e supervisiona as atividades do dia-a-dia, além de ser quem estipula o que deverá ser feito. Conforme aumenta a escala de produção, aumenta a complexidade da estrutura da fazenda. Há um incremento acentuado de ativos imobilizados, principalmente com relação à infra-estrutura – *packings houses*, barracões, escritórios, entre outras. O quadro de funcionários também se torna bem mais complexo, elevando as despesas administrativas. Para facilitar o acompanhamento das atividades de campo, as grandes fazendas muitas vezes são divididas em sub-lotes, que são avaliados separadamente. Mesmo assim, a eficiência produtiva pode ser menor conforme aumenta a escala de produção caso não haja uma gestão eficiente dos insumos e da mão-de-obra (elevando a produtividade), bem como uma infra-estrutura enxuta.

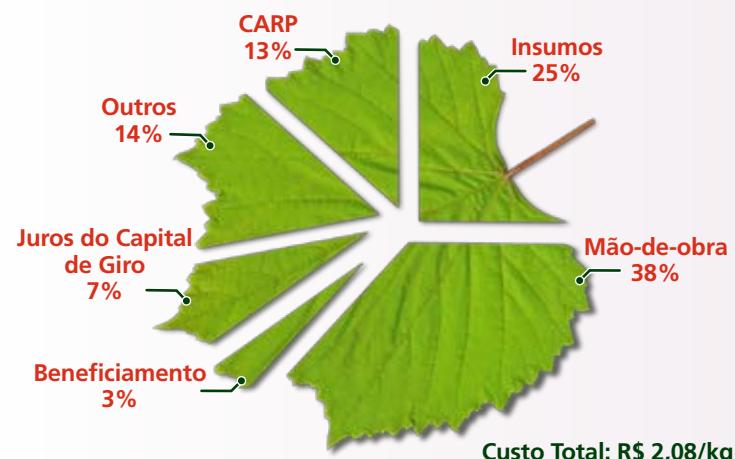
Outro ponto importante é diversificar os destinos da uva do Vale. Como prioridade, pode-se pensar no consumidor brasileiro, cujo poder de compra tem se mostrado robusto. No *front* externo, deve-se buscar a ampliação das vendas para países que ainda não se destacam na pauta brasileira.

A uva nacional ainda apresenta custo mais elevado do que o dos seus tradicionais competidores. Assim, é necessário ampliar a competitividade através da redução de custos e, ao mesmo tempo, reduzir a dependência do mercado externo, através de investimentos no mercado doméstico. ■

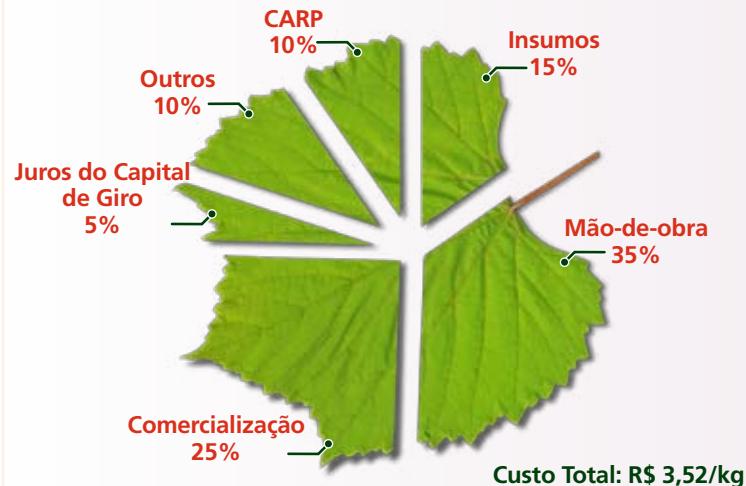
CUSTO DE PRODUÇÃO DA UVA NO VALE DO SÃO FRANCISCO

Distribuição dos principais itens que compõem o custo total de produção (%)

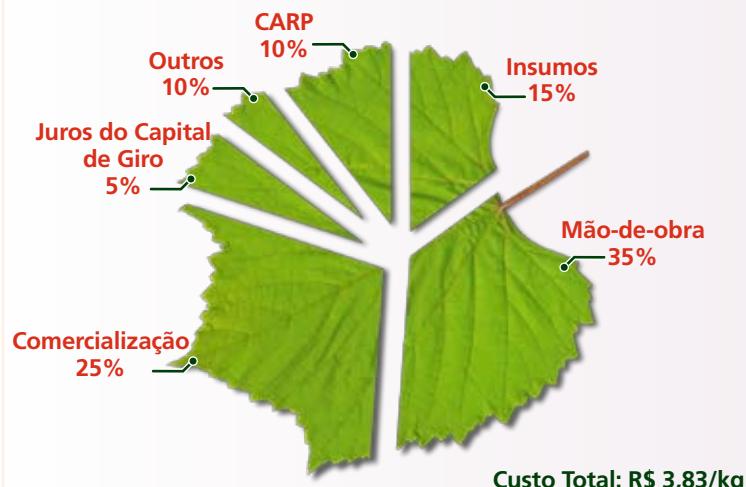
PEQUENA ESCALA DE PRODUÇÃO



MÉDIA ESCALA DE PRODUÇÃO



GRANDE ESCALA DE PRODUÇÃO



Fonte: Cepea

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receta. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO.



Faça o Manejo Integrado de Pragas.
Descarte corretamente as embalagens e resíduos de produto.

Rynaxypyr® é marca registrada da DuPont™. © Copyright, 2009, DuPont do Brasil S/A. Todos os direitos reservados.

COM ALTACOR™, VOCÊ SABE ONDE AS LAGARTAS GRAFOLITA FORAM PARAR. FORA DA SUA LAVOURA.



Agora sua lavoura, sua produtividade e sua rentabilidade estão muito mais protegidas. É só aplicar Altacor™.

- Alta eficiência no controle da lagarta grafolita;
- Molécula Rynaxypyr®: modo de ação único e eficiente;
- Rápida parada alimentar: mais segurança para sua lavoura;
- Longo período de controle;
- Seletivo a insetos benéficos, inclusive abelhas;
- Contribui com o Manejo Integrado de Pragas (MIP);
- Mais favorável ao homem e ao meio ambiente.

Altacor™. Proteção para sua lavoura. Rentabilidade para você.

www.dupontagricola.com.br – Tele DuPont Agrícola 0800-707-5517



DuPont™
Altacor™

inseticida

Powered by
RYNAXYPYR®

Ogilvy



Os milagres da ciência



Produtor inicia o transplantio da safra de verão 2010/11

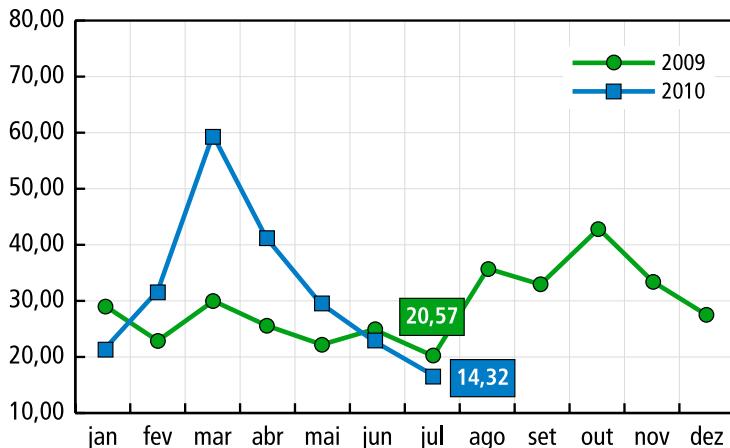
Começa transplantio da safra de verão

O transplantio da safra de verão 2010/11 iniciou em julho nas regiões de Itapeva (SP) e Venda Nova do Imigrante (ES). No entanto, as atividades devem ser intensificadas apenas a partir de setembro, quando Caçador (SC), Urubici (SC) e Nova Friburgo (RJ) também iniciarão o transplantio. Em Venda Nova, a expectativa inicial é de que a área se mantenha em 8,5 milhões de pés, com cerca de 3 milhões de mudas sendo transplantadas até o final de agosto. Segundo produtores capixabas, as terras para plantio estão bastante comprometidas com doenças como "murcha de fusarium". A prevenção dessa doença requer a rotação de culturas e, por esse motivo, produtores locais têm dificuldade em ampliar as áreas, migrando para terras próximas. Em Itapeva, a área de plantio deve ser de 30 milhões de pés, redução de 4% frente à da safra 2009/10. Na temporada passada, a incidência de bacterioses e fortes chuvas durante a colheita ocasionaram quebra de produtividade, diminuindo a rentabilidade de produtores e, consequentemente, desestimulando o aumento de área. Espera-se que até o fim de agosto, 5,5 milhões de pés já tenham sido transplantados na região paulista.



Sul de Minas e Paty do Alferes encerram safra

A colheita da primeira parte da safra de in-



Oferta é maior em julho; preços recuam

Preços médios de venda do tomate salada 2A longa vida no atacado de São Paulo - R\$/cx de 23 kg

verno, iniciada em abril, deve ser finalizada em agosto nas regiões de Paty do Alferes (RJ) e do Sul de Minas (MG). Até julho, o tomate salada 2A longa vida foi comercializado a R\$ 17,94/cx de 23 kg, em média, nas roças de Paty do Alferes, valor 34% superior ao mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura. A expectativa de produtores fluminenses é de que a área da segunda parte da safra de inverno (de setembro a dezembro) seja de aproximadamente 3,5 milhões de pés, mantendo-se igual à do ano passado. No Sul de Minas, a colheita das lavouras da primeira parte da safra de inverno também foi encerrada com rentabilidade positiva. A expectativa é de que a área da segunda parte da safra seja mantida em 4 milhões de pés.

Colheita de rasteiro é intensificada

Em agosto, a colheita de tomate rasteiro deverá ser intensificada em São Paulo e em Goiás, estabelecendo, assim, o pico de safra das regiões que deve seguir ofertando até setembro. Nesse período, essas regiões chegam a colher mais de 15 hectares por dia, em média, com produtividade em torno de 80 t/ha. Já em Irecê (BA), a concentração da colheita ocorreu entre junho e julho, com produtividade média de 60 t/ha, devendo reduzir gradativamente até o final da safra, previsto para novembro. De modo geral, grande parte da oferta de tomate rasteiro será destinada à indústria, já que produtores consideram baixos os preços dos frutos comercializados no mercado de mesa.

La Niña: os impactos para o tomate

No Nordeste, o clima úmido no verão pode aumentar a incidência de doenças fúngicas e bacterianas, diminuindo a qualidade dos frutos e elevando os gastos com defensivos. Já no Sul e Sudeste, o verão deve ser seco, diminuindo a incidência de doenças. Por outro lado, as altas temperaturas podem acelerar o desenvolvimento e maturação dos frutos, aumentando a oferta de tomate em alguns períodos.



Italianos Eagle.

Autêntica qualidade.

*Imagens ilustrativas. As plantas podem apresentar diferenças de conformidade com a região e condições de cultivo.



Representante
exclusivo no Brasil:



www.eagleementes.com.br



Sinônimo de qualidade.



Inicia safra em São Paulo

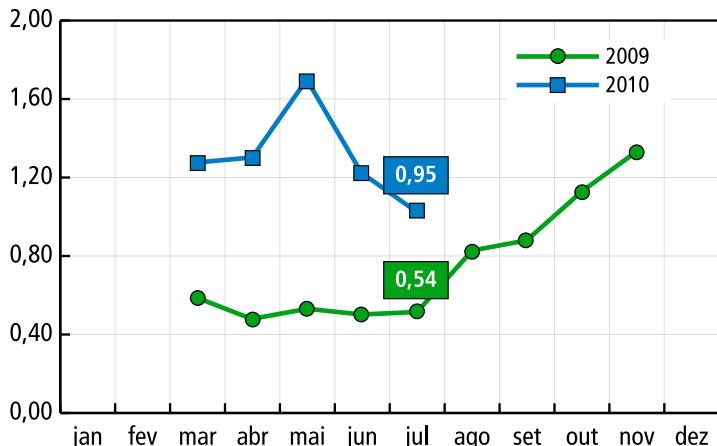


Safra paulista eleva oferta nacional

As regiões paulistas de Monte Alto e São José do Rio Pardo iniciaram a colheita de cebola no final de julho, comercializando pouco mais de 10% do total previsto para esta temporada nessas praças. Quanto à oferta nacional, o volume colhido em julho representou 25% do total esperado – para agosto e setembro, estima-se que as regiões paulistas sejam responsáveis por até 40% de toda a oferta nacional. A oferta crescente no estado de São Paulo neste início de safra se deve ao aumento da produtividade da região, de 55 t/ha, que foi favorecida pelo clima entre o semeio e o transplantio. O maior volume de cebola, no entanto, pressionou as cotações do bulbo. Em julho, a média da cebola comercializada na roça foi de R\$ 0,74/kg, valor 35% menor que o verificado em junho em comparação com a média de outras regiões. Apesar dessa queda, a média de julho ainda foi 106% superior ao valor mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura, que foi de R\$ 0,36/kg no mesmo mês. Em relação à qualidade, os primeiros bulbos colhidos em Monte Alto e São José do Rio Pardo ainda estavam verdes e não foram curados, mas a aparência do produto deve melhorar no decorrer da safra.

Mossoró: nova fronteira de produção

O cultivo de cebola nas regiões de Baraúna e



Oferta elevada ainda reflete nos preços no NE



Preços médios recebidos por produtores do Nordeste pela cebola na roça - R\$/kg

Mossoró (RN) tem crescido nos últimos três anos. Na safra de 2009, a área plantada esteve entre 400 e 500 hectares e, na temporada 2010, deve aumentar para entre 900 e 1.100 ha. O impulso no cultivo de cebola na região potiguar está atrelado ao maior interesse por parte de produtores de melão, que vêm optando também pelo cultivo do bulbo. Além disso, as praças de Baraúna e Mossoró estão próximas de grandes centros consumidores. Produtores e técnicos acreditam que essas praças ainda têm muito potencial de crescimento. De modo geral, o sistema de plantio da cebola na região nortes-tina é realizado por semeio, entre abril e junho, e posteriormente é feito o transplante de mudas aos canteiros, do final de junho até o fim de agosto. Geralmente a safra inicia em meados de setembro, com pico de oferta em novembro e finalização em janeiro. Devido à falta de chuvas em alguns períodos do ano, o sistema de irrigação utilizado é o gotejamento. Apesar das variedades híbridas não serem tão utilizadas na região, várias empresas de sementes têm investido em pesquisas, visando desenvolvimento de variedades híbridas específicas para essa região, no intuito de viabilizar um projeto de exportação de cebola à Europa.

La Niña: os impactos para a cebola

O fenômeno *La Niña* deve deixar o tempo mais seco no Centro-Sul do País entre setembro/10 e fevereiro/11, favorecendo a colheita de cebola em São Paulo, Minas Gerais e Goiás. Assim, o pico de safra, que normalmente ocorre em agosto e setembro, não deve ser prejudicado. Já no Nordeste, as fortes precipitações de verão devem atrasar, o que pode alterar o calendário de plantio da próxima safra de Irecê (BA) e do Vale do São Francisco. Em Mossoró (RN), a previsão é de forte volume de chuvas de março a abril de 2011, não apresentando risco para a safra. Na Argentina, a fase de semeadura das lavouras (entre setembro e novembro) também não deve enfrentar grandes problemas. Já para o verão argentino, período de colheita e de exportação ao mercado brasileiro, a previsão é de estiagem.

Fonte: Cepea

ESPECIAL BATATA

Custo de produção da batata será tema de capa da edição de outubro/2010

Aguarde!



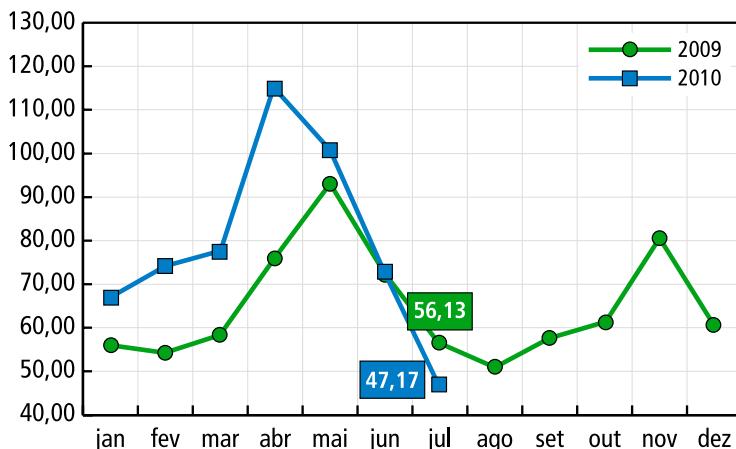
Pico de safra em Vargem Grande do Sul

A região de Vargem Grande do Sul (SP) deve aumentar a oferta de batata em agosto. A expectativa é que sejam colhidos cerca de 3.700 hectares no período, 37% do total cultivado na safra. Em julho, foi colhido 12% do total da safra. A produtividade média na primeira quinzena de julho foi cerca de 30 t/ha, 16% menor em relação ao considerado normal para a região. A qualidade do tubérculo paulista também foi prejudicada, devido ao aparecimento de rachaduras na pele. Porém, a partir da segunda quinzena de julho a produtividade aumentou para 35t/ha – normal para a região - e expectativa de produtores é de que continue satisfatória até o final da safra.



Colheita no cerrado é intensificada

A colheita de batata deve ser intensificada no início de agosto na região de Brasília (DF) Cristalina (GO). A previsão é que sejam colhidos 1.200 hectares neste mês, 20% do total cultivado no ano. Em julho, grande parte dos produtores da região estava em intervalo de safra, visto que chuvas ocorridas em março impediram o plantio de algumas roças por cerca de duas semanas. Em agosto, além do aumento da área colhida, agentes acreditam em maior produtividade, com produção estimada em 37 t/ha, dentro da média da região.



Cotações seguem caindo em julho

Preços médios de venda da batata ágata no atacado de São Paulo - R\$/sc de 50 kg

Produtores iniciam plantio da safra das águas

O plantio da safra das águas 2010/11 inicia neste mês, com a área devendo ter aumento de cerca de 4% em relação à temporada anterior. O incremento de área está atrelado aos maiores preços verificados desde o início de 2009. Quanto à batata-semente, a oferta do produto aumentou nesta safra. A queda nos preços na temporada das secas fez com que muitos produtores optassem por fazer uma reserva de batata-semente, ao contrário do verificado nas últimas safras, quando muitos produtores tiveram dificuldades em encontrar o produto.

Temporada das secas é finalizada

A safra das secas 2010 foi encerrada em julho, com rentabilidade positiva para todas as regiões produtoras. O preço médio da safra da batata especial padrão ágata foi de R\$ 48,23/sc de 50 kg na roça, ponderado pela área colhida, valor 60% superior ao mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura, que foi na média de R\$ 29,97/sc de 50 kg nesta safra. A produtividade média na safra foi de 25 t/ha, 20% inferior ao considerado normal para a temporada. Isso ocorreu porque as lavouras de Cristalina (GO), do Sul e Sudeste do País foram prejudicadas pelas constantes chuvas de janeiro a março, que atrasaram o plantio e diminuíram a qualidade das sementes. O tubérculo dessas regiões apresentou calibre reduzido e doenças como “canela-preta” e “murcha-bacteriana”.

La Niña: os impactos para a batata

A previsão de tempo chuvoso no verão nordestino deve diminuir a necessidade de irrigação na Chapada Diamantina (BA). Por outro lado, precipitação em excesso pode causar doenças. No Sul e Sudeste, o atraso das chuvas da primavera favorece o período de plantio da safra das águas, o clima seco no verão durante a colheita pode diminuir a incidência de doenças. No Sul de Minas e extremo Sul do País, no entanto, não há sistema de irrigação, o que pode prejudicar a produção.



Fonte: Cepea



Oferta elevada reduz preços

Maior oferta diminui rentabilidade no 1º semestre

Ao contrário dos dois últimos anos, não houve quebra de safra nas lavouras do Vale São Francisco em 2010. Além disso, alguns produtores da Chapada do Apodi (RN) e do Baixo Jaguaribe (CE) ofertaram melão entre fevereiro e julho deste ano, período incomum para ambas as regiões. A maior oferta nessas regiões vem pressionando os valores de venda do melão amarelo nos últimos meses. Esse cenário deve diminuir a rentabilidade de produtores que comercializam a fruta no mercado brasileiro. Em julho, o melão amarelo tipo 6-7 teve média de R\$ 12,95/cx de 13 kg no Vale do São Francisco e de R\$ 13,79/cx de 13 kg no polo produtor Rio Grande do Norte/Ceará, recuo de 12% e de 14%, respectivamente, se comparado ao de junho. Essas cotações estão próximas aos valores mínimos estimados por produtores para cobrir os gastos com a cultura, segundo levantamento feito pelo Cepea.



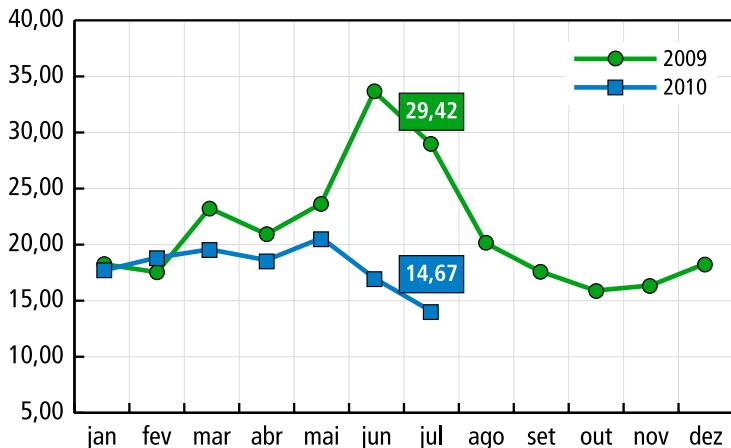
Exportações devem iniciar em agosto

As negociações de contratos para exportação do melão brasileiro foram totalmente concluídas em julho. O plantio dos melões no Rio Grande do Norte e no Ceará para o mercado internacional já foi iniciado há alguns meses para que, no máximo, até o fim de agosto começem os envios – pequenas cargas já foram enviadas em

julho. De modo geral, as lavouras de melões destinadas à exportação diminuíram neste ano, por conta da paralisação de uma importante empresa da região nordestina. Com isso, produtores consultados pelo Cepea estimam que os volumes embarcados também devem ser menores neste ano. Além disso, o plantio de melões nobres (pele-de-sapo, orange, cantaloupe e gália) no Rio Grande do Norte/Ceará deve ser menor na safra 2010/11, o que também pode limitar as vendas da fruta ao mercado internacional.

Produtores do Vale seguem ofertando

Produtores de melão do Vale São Francisco diminuíram o ritmo da colheita da fruta entre maio e julho. Alguns agricultores que encerraram as atividades devem voltar a ofertar a fruta no mercado doméstico em agosto, por conta do clima favorável na região. Já os produtores que não ofertam em agosto devem voltar a cultivar a fruta em outubro, visando o consumo durante as festas de fim-de-ano. De modo geral, no primeiro semestre deste ano, com a atuação do fenômeno *El Niño*, não houve quebra de produção e, assim, a oferta de melão seguiu elevada durante toda a safra nordestina. Esse cenário pressionou as cotações da fruta, que registraram patamares inferiores aos da temporada passada. Para este segundo semestre, agentescreditam em diminuição de cerca de 30% na oferta de melão, fundamentado na menor área cultivada para esse período.



Cotações seguem em queda em julho

Preços médios de venda do melão amarelo tipo 6-7 no atacado de São Paulo - R\$/cx de 13 kg

Fonte: Cepea

ESPECIAL BATATA
(Ed. Outubro/2010)
Patrocinador,

Reserve já seu espaço! 19 3429.8808





MG eleva oferta em julho

Safra de inverno apresenta maior produtividade

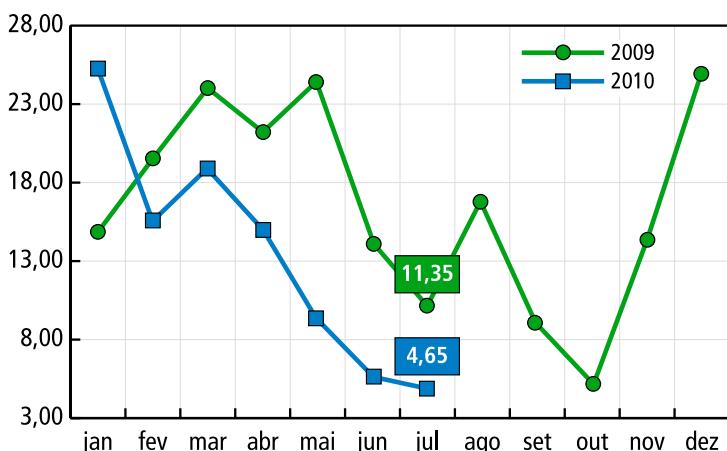
As regiões mineiras de São Gotardo, Santa Juliana e Uberaba iniciaram a colheita da safra de inverno em julho, com produtividade média de 73 t/ha, 20% maior que julho de 2009. Apesar do tímido aumento de produtividade nesta temporada, a oferta não foi tão elevada nas primeiras semanas de julho, visto que, nesse período, houve um pequeno intervalo entre a colheita das safras de verão e de inverno. No final de julho, a disponibilidade de cenoura mineira voltou a aumentar, com os últimos lotes da safra de verão e com o início da oferta de produto da temporada de inverno. Já nas últimas semanas de julho, a maior oferta pressionou as cotações, que retornaram aos patamares de R\$ 5,00/cx "suja" de 29 kg.



Paraná inicia safra de inverno

Agricultores da região de Marilândia do Sul (PR) iniciam a colheita da temporada de inverno em agosto. Neste começo de safra, a produtividade deve ser semelhante ao rendimento obtido no final da safra de verão, de cerca de 52 t/ha – geralmente, a produtividade das lavouras é reduzida em início e final de temporadas. A praça paranaense é a única região do Centro-Sul do País que ainda colhe cenouras de verão.

Safra de verão termina com saldo positivo



Oferta elevada pressiona cotações

Preços médios recebidos por produtores de São Gotardo pela cenoura "suja" na roça - R\$/cx 29 kg

Fonte: Cepea

Minas Gerais, Goiás, Paraná e Rio Grande do Sul finalizaram a safra de verão de 2009/10 com saldo positivo. Segundo agentes do setor, em MG e Goiás, o rendimento das lavouras, a qualidade da cenoura e os preços foram superiores frente aos da temporada anterior. A produtividade média desta safra de verão foi de 55 t/ha, cerca de 4% maior que a registrada no mesmo período do ano passado. As regiões produtoras sulistas (Paraná e Rio Grande do Sul) também tiveram um resultado positivo na temporada de verão. O preço médio da cenoura, considerando as duas regiões do Sul, foi de R\$ 17,40/cx "suja" de 29 kg, valor apenas 4% maior que o da temporada de verão 2008/09. Segundo produtores do Sul, o gasto médio na produção de cenoura no período foi de R\$ 8,00/cx, isto é, o preço de venda foi, em média, 45% maior que os custos de produção. A exceção fica por conta da Bahia, onde em Irecê a qualidade da cenoura foi prejudicada por fortes chuvas ocorridas no primeiro semestre de 2010, reduzindo as negociações do produto. Em agosto, agricultores de MG, GO, PR e RS devem iniciar os preparativos para o plantio da próxima safra de verão, além das compras de insumos como sementes, adubos e fertilizantes. A Bahia, que cultiva temporada de verão durante todo, começou os preparos da próxima safra em julho.

La Niña: os impactos para a cenoura

O La Niña deve influenciar no volume de chuvas na região de Irecê (BA) durante o verão de 2010/11. Além de diminuir a necessidade de irrigação, deve contribuir com o abastecimento dos poços da região. Por outro lado, as chuvas atreladas às altas temperaturas podem aumentar a incidência de doenças, prejudicando a qualidade. Já em Minas Gerais e Goiás, o La Niña deve atrasar o retorno das chuvas durante a primavera e até causar períodos de estiagem no Sul do País. O tempo seco, porém, pode colaborar para o desenvolvimento da cultura.





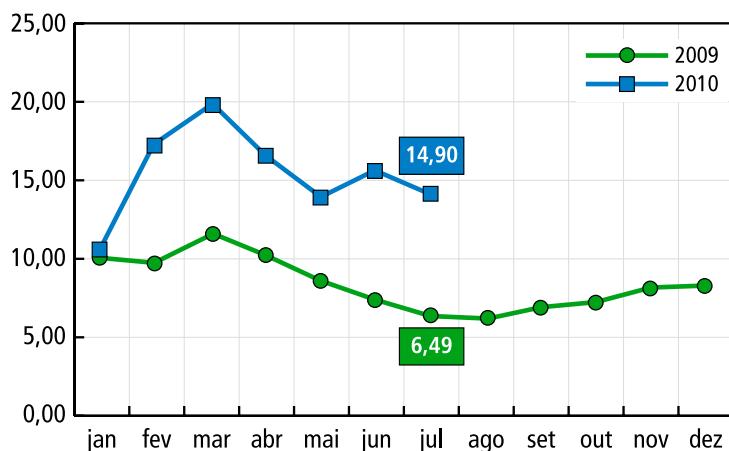
Exportações reduzem em 2009/10

Embarque em 2009/10 finaliza com receita 15% menor

Os embarques de suco de laranja brasileiro no ano-exportação 2009/10 foram encerrados em junho. A receita em dólar para todos os tipos de suco caiu 15% neste ano-exportação 2009/10 em relação ao anterior (2008/09), segundo dados da Secex. De modo geral, a redução nos embarques foi mais expressiva para o mercado europeu, com decréscimo de 23% da receita entre julho de 2009 e junho de 2010 frente ao mesmo período da safra anterior. Ainda que a participação dos Estados Unidos na receita total brasileira seja menor que a da União Européia, o incremento nos envios ao país norte-americano amenizou as perdas no ano-exportação 2009/10. A receita brasileira obtida com os embarques aos EUA aumentou 21% nesta safra em relação à anterior. Os ganhos em receita ao mercado norte-americano foram favorecidos pela valorização de quase 70% do suco de laranja na bolsa de Nova York entre jul/09 e jun/10.

Flórida pode recuperar parte da produção na safra 2010/11

A Flórida finalizou a safra 2009/10 com produção de 133,6 milhões de caixas de 40,8 kg, segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), volume 18% menor que o da temporada anterior. Para a próxima safra, a previsão é que haja recuperação de parte dessa quebra, já que a florada foi abundante, segundo informações



Pera in natura segue firme em SP

Preços médios recebidos por produtores paulistas pela pêra na roça - R\$/cx de 40,8 kg, na árvore



do pesquisador Gene Albrigo, da Universidade da Flórida. No entanto, o volume final dependerá, principalmente, das condições climáticas e do número de árvores em produção daquele estado. Até meados de julho, o *Weather Services International* indicava possibilidades de 19 tempestades nomeadas nos EUA neste ano, sendo destas 11 furacões, o que significa uma temporada de furacões mais ativa que a do ano passado. Quanto ao número de pés em produção, em setembro deve ser divulgado um novo censo. Em agosto, o setor deve voltar as atenções às estimativas privadas referentes à safra 2010/11 da Flórida, divulgadas pela consultora Elizabeth Steger e pela multinacional Louis Dreyfus.



Exportação de tahiti anima produtor; receita deve crescer

Produtores de lima ácida tahiti estão satisfeitos com as exportações da fruta *in natura* neste ano. De janeiro a junho, a receita obtida foi de US\$ 27,5 milhões, 35% superior à do mesmo período de 2009. Muitos vendedores estão na expectativa de que a receita no acumulado de 2010 supere a do ano passado, quando exportadores embolsaram US\$ 43,7 milhões. A crescente oferta de tahiti no norte de Minas Gerais e na Bahia deve favorecer os embarques neste segundo semestre.

La Niña: os impactos para citros

Na primavera, caso a previsão de estiagem prolongada no Sudeste se confirme, a colheita da safra paulista de laranja 2010/11 (já iniciada) deve ser acelerada, sobretudo para as frutas tardias. Apesar do risco de queda dessas frutas por falta de chuva, as laranjas ainda poderão ser utilizadas pela indústria. Quanto à florada referente à safra 2011/12, o cenário deve ser semelhante ao de 10 anos atrás, quando houve florações tardias por conta do *La Niña*. A possibilidade de forte seca pode causar estresse nas plantas, mas a abertura e “pegamento” das flores dependerão da indução, que está sujeita à retomada das chuvas.



ESPECIAL BATATA (Ed. Outubro/2010)

Fechamento comercial: 15/09

19 3429.8808

Deste, ele não escapa



A lei do mais forte, agora para citros

Marshal® star



- **Ação rápida:** controle rápido dos ácaros
- **Consistência de resultados:** 100% de satisfação dos usuários
- **Maior período de controle:** proporciona vários dias a mais de controle comparado com outros acaricidas
- **Ácaro da falsa ferrugem:** importante ferramenta no manejo do ácaro da falsa ferrugem



- Restrição temporária de uso no Estado do Paraná.
- Produto em fase de cadastro no Estado do Paraná.

fmcagricola.com.br

FMC

Fazendo Mais pelo Campo



Volume embarcado aumenta no 1º semestre



Exportações sobem quase 30%

No primeiro semestre deste ano, o Brasil exportou cerca de 40 mil toneladas de manga, volume 28% superior ao do mesmo período de 2009, segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex). O principal destino da fruta no primeiro semestre de 2010 foi a União Européia, responsável pela compra de 95% do volume total exportado pelo Brasil, seguido dos Estados Unidos. Neste ano, o país norte-americano comprou 31% a mais de manga brasileira do que em 2008. Para o segundo semestre de 2010, exportadores esperam que os embarques sigam aquecidos, diferente do observado no final do ano passado, quando a quebra na produção da principal região exportadora, Petrolina (PE)/Juazeiro (BA), prejudicou as vendas externas.

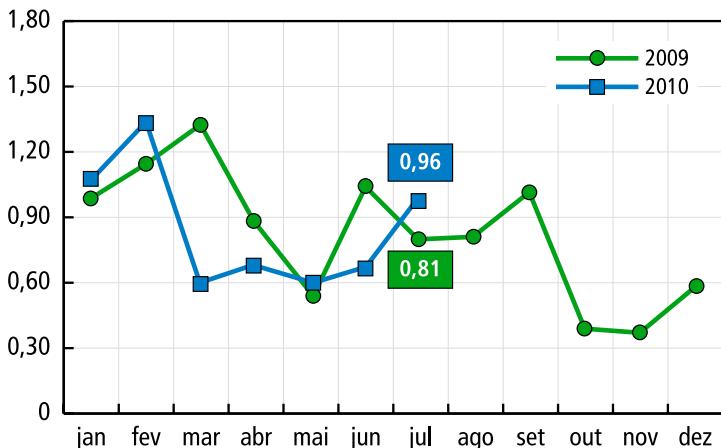
Baixa temperatura no Nordeste estimula floração

Em julho, a menor temperatura no Nordeste estimulou a florada espontânea de pomares de Petrolina (PE)/Juazeiro (BA) e de Livramento de Nossa Senhora (BA). A maior parte dos produtores induz a floração, para evitar a comercialização da manga em períodos de pico de oferta. Alguns agricultores descapitalizados, no entanto, não induzem o florescimento dos pomares e, com a florada espontânea em julho,

devem iniciar a colheita entre outubro e novembro. Segundo produtores de Petrolina/Juazeiro, cerca de metade dos pomares da região que foi induzido entre março e abril não respondeu ao tratamento. Dessa forma, é possível encontrar na região nordestina tanto pomares com frutos em início de desenvolvimento quanto pés em plena floração. De modo geral, a oferta de manga na região Petrolina/Juazeiro, que estava prevista para ser intensificada no final de julho atrasou, com a maior disponibilidade da fruta sendo deslocada para agosto. Assim, a exportação da fruta aos EUA deve ser intensificada neste mês. Já em Livramento de Nossa Senhora, apesar da florada espontânea, a maior parte dos produtores não tem interesse em manejar esses pomares, devido à possibilidade de menor preço no momento de venda da fruta. Assim, a oferta dessa região deve ocorrer entre setembro e outubro, provenientes de pomares que tiveram a floração induzida em abril. Quanto aos preços, a menor oferta de manga *tommy atkins* em julho elevou em 39% a média da região do Vale do São Francisco frente à de junho e em 36% em Livramento de Nossa Senhora. A variedade foi comercializada à média de R\$ 0,96/kg no mês passado em Petrolina/Juazeiro.

La Niña: os impactos para a manga

Em Monte Alto/Taquaritinga (SP), a previsão de tempo mais seco, com atraso nas chuvas de primavera, deve beneficiar a fase final de desenvolvimento do fruto e também o início da colheita, em outubro. Além disso, produtores paulistas comentam que o menor volume de chuvas facilita o manejo da cultura, visto que é possível planejar o número de pulverizações com a possibilidade de menor incidência de doenças. Já no Nordeste, a previsão de chuvas acima da média histórica no verão, sobretudo durante o período de indução floral, em abril de 2011, já preocupa alguns produtores. Isso porque, com as chuvas, é necessário que o tratamento seja realizado mais vezes que o normal a fim de garantir a eficiência da indução, o que eleva os gastos com a cultura.



Baixa oferta eleva preços

Preços médios recebidos por produtores de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) pela *tommy atkins* - R\$/kg

Fonte: Cepea



ESPECIAL BATATA

Custo de produção da batata será tema de capa da edição de outubro/2010

Aguarde!





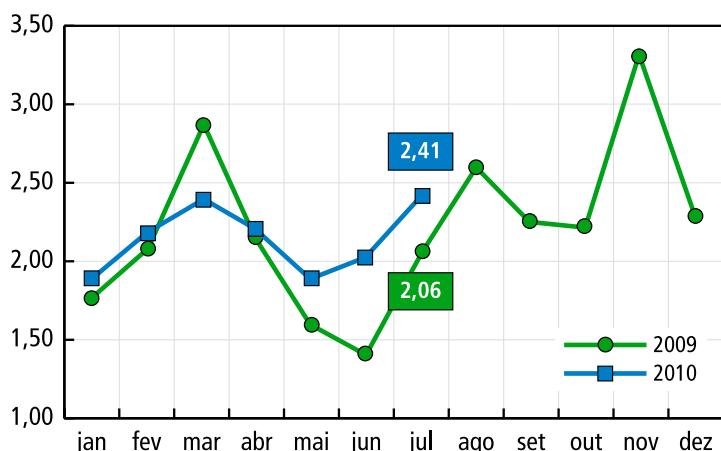
Cresce oferta de uva sem-semente no Vale

Nordeste oferta uva sem-semente ao mercado brasileiro

Em agosto, o Vale do São Francisco deve aumentar a oferta de uvas sem-semente ao mercado brasileiro – a variedade é geralmente produzida visando a exportação. Diante da atual baixa oferta doméstica, grande parte de produtores do Nordeste antecipou as podas das uvas sem-sementes, no intuito de comercializar a fruta no mercado nacional. A venda dessas variedades no Brasil vem sendo uma alternativa ao viticultor para escoar parte da produção. Apesar disso, as exportações de uvas sem-sementes, que iniciam em setembro, não devem ser interrompidas. De janeiro a junho de 2010, o volume de uva exportado foi 14% superior ao do mesmo período do ano passado, mas representou apenas 1% da quantidade total embarcada em 2009. Quanto aos preços, em julho, os valores médios da *thompson* e da *sugraone* embaladas foram de R\$ 6,84/kg e de R\$ 5,98/kg, respectivamente. De modo geral, a estimativa de agentes locais é de que as roças do Vale registrem produtividade em torno de 20 t/ha para ambas as variedades. A queda no rendimento se deve à formação de cachos menores nas primeiras podas, entre março e abril.

Produção de uva de mesa cresce 3% na Califórnia

Em 2010, a Califórnia (EUA) deve produzir 6,5 milhões de toneladas de uva, volume 1% inferior ao de 2009, de acordo com o Departamento



Menor produção de itália eleva preços

Preços médios recebidos por produtores pela uva itália - R\$/kg

Fonte: Cepea

de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). Para a uva de mesa, a produção deve totalizar 900 mil toneladas, incremento de 3% frente à temporada anterior. Segundo o USDA, o desenvolvimento dos parreirais está com cerca de duas semanas de atraso, por conta do clima mais frio e úmido durante a primavera, que elevou a proliferação de míldio. A temporada californiana, que iniciou em junho com a uva de Coachella Valley, deve seguir disponibilizando a fruta até o final do ano, tendo como principal ofertante a região de Central Valley.



Aumenta ritmo de colheita em Jales e Pirapora

A colheita de uvas finas e rústica das regiões de Jales (SP) e Pirapora (MG) foi intensificada em agosto. Apesar do maior ritmo de colheita, o volume de uvas finas deve permanecer abaixo do da safra passada, o que pode impulsionar as cotações no período. Em julho, o valor médio da itália de Jales foi de R\$ 3,05/kg, 29% superior ao de julho/09. Em Pirapora, a estimativa é de que 70% da produção total seja de uva rústica. Em julho, a niagara embalada de Pirapora teve média de R\$ 3,32/kg, 18% superior à de jul/09.

La Niña: os impactos para a uva

O fenômeno climático *La Niña* deve favorecer a produção de uva nas regiões Sul e Sudeste do País, já que deve deixar o tempo mais seco. A previsão de estiagem deve facilitar as podas em agosto e ajudar as floradas referentes à produção a ser colhida no final de ano, além de diminuir o número de doenças e os gastos com fungicidas. Para as praças que estão colhendo no momento, como Jales (SP) e Pirapora (MG), o clima seco pode evitar perdas com rachaduras das bagas. No entanto, as áreas que não possuem sistema de irrigação poderão apresentar problemas na fisiologia da planta. Quanto ao Nordeste, para o Vale do São Francisco, a previsão é de grande volume de chuvas durante o verão de 2010/11, o que pode dificultar os tratos culturais e a colheita.





Frio favorece a brotação no Sul

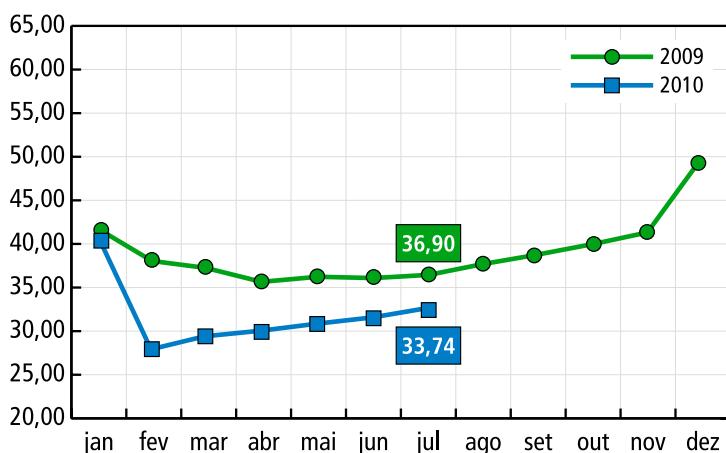
Baixas temperaturas favorecem brotação

Os pomares de maçã do Sul do País devem entrar em brotação até o fim de agosto, para que a partir do final de setembro as árvores floresçam. As temperaturas mais frias são necessárias para a brotação, período em que as árvores saem da dormência e começa um novo ciclo vegetativo na primavera. Para que flores e frutos das variedades gala e fuji tenham bom desenvolvimento, é necessário um mínimo de 500 a 600 horas de frio (abaixo de 7,2°C) de julho a agosto. Até o final de julho, as horas de frio abaixo dessa temperatura acumuladas nas regiões de São Joaquim (SC), Fraiburgo (SC) e Vacaria (RS) chegaram a 476, a 347 e a 451, respectivamente. Produtores acreditam que o clima neste ano seja ainda mais favorável que o de 2009, quando as temperaturas mais frias resultaram em uma das melhores produções de maçã dos últimos em cinco anos.



Maior qualidade pode impulsionar vendas

A maçã gala estocada sob atmosfera controlada deve ser disponibilizada no mercado brasileiro de forma escalonada em agosto. Esse controle da oferta deve sustentar os preços pagos ao produtor. Além disso, a fruta estocada em atmosfera controlada apresenta maior qualidade. Até julho, foram comercializadas as maçãs gala que estavam estocadas sob atmosfera convencional. Essas maçãs



Cotações reagem 8% nas férias

Preços médios de venda da maçã gala categoria 1 (calibres 80 -110) no atacado de São Paulo - R\$/cx de 18 kg



apresentaram problemas quanto à qualidade, como rachaduras, o que limitou a procura pela gala no mercado doméstico em julho. A gala graúda Cat 1 (calibres de 80 a 110) negociada na Ceagesp, teve média de R\$ 33,74/cx de 18 kg em julho, 7,8% acima da praticada em junho e 8% menor que a observada no mesmo período de 2009.

Importação brasileira cresce 16%

O Brasil importou cerca de 23 mil toneladas de maçã de janeiro a junho deste ano, volume 16% maior que o verificado no mesmo período de 2009, segundo a Secretaria do Comércio Exterior (Secex). Quanto aos gastos, empresas importadoras elevaram em 33% o montante despendido no primeiro semestre deste ano. Os principais fornecedores do Brasil no período foram a Argentina e o Chile, correspondendo, respectivamente, com 78% e 16% do total importado. As compras brasileiras na Argentina de janeiro a junho de 2010 foram 5% superiores em relação às do mesmo período de 2009 e, no Chile, 64% maiores. Apesar do crescimento das importações brasileiras na Argentina, a produção daquele país foi de 800 mil toneladas neste ano, 14% menor que a da safra passada, segundo dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). A produção do Chile alcançou pouco mais de 1 milhão de toneladas, 14% menor que a do ano passado, também de acordo com dados do USDA.

La Niña: os impactos para a maçã

Na primavera, a previsão de clima mais seco no Sul do Brasil, por conta do fenômeno *La Niña*, deve favorecer o período da florada de macieiras. Isso porque, nessa época, colméias para polinização são colocadas nos pomares da região. Se o tempo seco se prolongar, no entanto, problemas como a rachadura do fruto podem ocorrer, mas, se houver água disponível no lençol freático, a estiagem não deve prejudicar os pomares. De modo geral, a menor ocorrência de chuvas no período de desenvolvimento dos frutos pode favorecer a qualidade da próxima temporada.



ESPECIAL BATATA
(Ed. Outubro/2010)
Patrocinador,

Reserve já seu espaço! 19 3429.8808



Aumento da oferta é antecipada para agosto

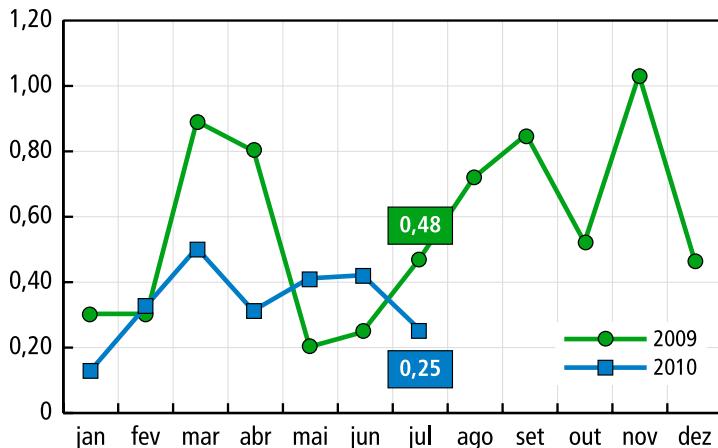


Mais mamão em agosto

No início de 2009, a expectativa de agentes para o segundo semestre de 2010 era de que o aumento da oferta nacional de mamão aumentasse apenas em setembro. Porém, em julho, a elevada temperatura nas principais regiões produtoras do País acelerou a maturação dos frutos, o que aumentou a oferta nacional. Assim, em julho, as cotizações da fruta começaram a cair em praticamente todas as praças consultadas pelo Cepea. Além disso, o período de "pescoço", que vinha reduzindo a oferta desde março deste ano, foi finalizado. Em julho, o preço médio do havaí tipo 12-18 comercializado no Espírito Santo foi de R\$ 0,68/kg, valor 68,3% inferior se comparado ao de junho. Outro fator que pressionou os preços foi o desaquecimento da demanda em julho, devido, principalmente às férias escolares. Para os próximos meses, agentes acreditam em redução nos preços, visto que a oferta de mamão deve continuar crescendo.

Produtor capixaba diminui investimentos em formosa

A área plantada com mamão formosa no Espírito Santo no primeiro semestre de 2010 foi 5,6% menor se comparada à estimada no final de 2009. Segundo agentes, a procura pela fruta capixaba diminuiu, devido ao deslocamento da demanda para outras áreas produtoras, como Bahia e Minas Gerais. Essas praças aumentaram os investimentos



Preço do formosa cai 48% em julho

Preços médios recebidos por produtores do Espírito Santo pelo mamão formosa - R\$/kg

em mamão formosa, por conta do clima mais favorável à produção da variedade, que permite altas qualidade e produtividade. Com isso, de janeiro a junho deste ano, o mamão do Espírito Santo desvalorizou frente ao mineiro e ao baiano. A média de preços praticada neste primeiro semestre foi de R\$ 0,34/kg no Espírito Santo. Esse valor é considerado bastante baixo por produtores, o que tem desestimulado ainda mais os investimentos em formosa no Espírito Santo.

Exportação aérea cresce 12% de janeiro a junho

O envio de mamão via aérea aumentou 11,6% de janeiro a junho de 2010 em relação ao mesmo período do ano passado, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Esse tipo de transporte aumenta o lucro nas vendas para o mercado internacional, visto que a rapidez no envio garante a conservação da fruta durante todo o percurso até as prateleiras do consumidor estrangeiro. Assim, é possível colher as frutas no ponto ideal de maturação fisiológica e enviá-las com qualidade, cor e sabor considerados excelentes pelo mercado externo, que é bastante exigente.

La Niña: os impactos para o mamão

O fenômeno La Niña deve aumentar a ocorrência de chuvas nas lavouras de mamão do Nordeste durante a estação do calor, principalmente de fevereiro a abril. Esse cenário pode favorecer produtores, já que deve diminuir a utilização da irrigação, além de elevar o nível dos reservatórios. O clima quente e chuvoso, no entanto, aumenta a possibilidade de aparecimento de doenças fúngicas. Além disso, no longo prazo, o excesso de chuva pode prejudicar o desenvolvimento floral e causar novo período de "pescoço". Dessa forma, os cuidados fitossanitários deverão ser redobrados. Já no sul da Bahia e no norte do Espírito Santo, a influência do La Niña deve atrasar o retorno das chuvas na primavera. Caso o clima seco se confirme, a maturação dos frutos será mais acelerada e a oferta de mamão pode aumentar.

Fonte: Cepea

ESPECIAL BATATA (Ed. Outubro/2010)

Fechamento comercial: 15/09

19 3429.8808





Banana mineira na Europa!

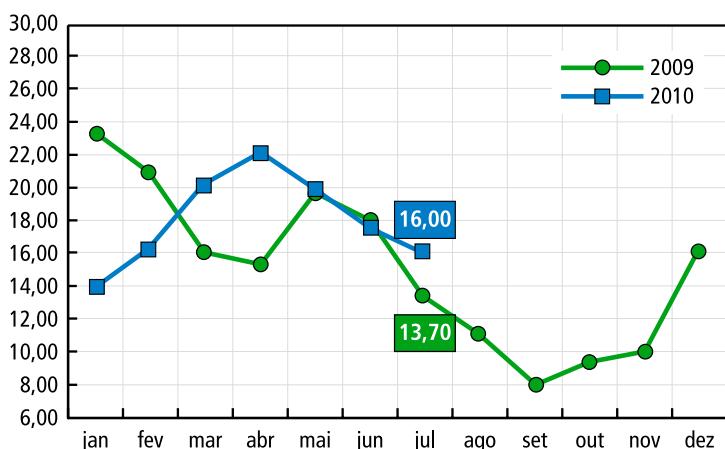
Exportação de MG começa em agosto

Produtores do norte de Minas Gerais devem começar a exportação de banana prata à Europa e ao Oriente Médio em setembro. A região já investe há alguns anos em pesquisas em pós-colheita para a possibilidade de exportar a fruta, visto que o norte de Minas Gerais fica distante dos portos brasileiros, dificultando o escoamento. Além disso, a banana prata é mais suscetível aos danos no pós-colheita do que a variedade nanica. Para iniciar os embarques, está sendo elaborado um protocolo de exportação com os procedimentos adequados desde a colheita até a logística de envio da banana prata mineira aos consumidores estrangeiros. Como parte dos estudos realizados, foi desenvolvido um projeto de logística para que a fruta chegue ao seu destino em ponto de amadurecimento ideal para consumo. Dessa forma, serão necessários cuidados especiais antes e depois da colheita, com utilização de transporte climatizado (com atmosfera controlada), embalagens adequadas e aplicação de hormônios que retardam o amadurecimento da fruta.



Exportação ao Mercosul diminui no 1º semestre

O Brasil exportou 16% menos banana nanica ao Mercosul no primeiro semestre de 2010 frente ao mesmo período de 2009, conforme dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex). A partir de



Preços da prata mineira menores em julho

Preços médios recebidos por produtores do norte de Minas Gerais pela prata-anã - R\$/cx de 20 kg

Fonte: Cepea

maio, a redução nos envios foi mais acentuada, por conta da menor produção da fruta desde fevereiro, quando fortes chuvas causaram quebra de safra de nanica no Vale do Ribeira (SP). Assim, os preços da fruta subiram, o que estimulou produtores do norte de Santa Catarina, principal região exportadora ao Mercosul, a comercializar no mercado interno. A retomada dos envios aos países do Mercosul poderá ocorrer a partir de setembro, quando haverá ligeiro aumento da oferta da fruta no Brasil. A recuperação total das exportações, porém, só deverá acontecer a partir de dezembro, período de pico de safra de nanica em Santa Catarina e no Vale do Ribeira. Em janeiro e fevereiro deste ano, quando ambas as regiões estavam em pico de safra, as exportações tiveram alta de 6% frente ao primeiro bimestre de 2009, conforme a Secex, devido à maior oferta, menores preços e boa qualidade da fruta.

La Niña: os impactos para a banana

No polo produtor Rio Grande do Norte/Ceará haverá maior intensidade das chuvas durante o verão em função do fenômeno *La Niña*, que atuará a partir da primavera deste ano até o início de 2011. Esse cenário pode prejudicar a produção de banana nessas regiões, que é destinada ao mercado europeu. Segundo agentes consultados pelo Cepea, no entanto, os novos bananais no Ceará estão em área menos suscetíveis a inundações, o que diminuiria os impactos das chuvas na produção local. No ano passado, cerca de 30% da área destinada à bananicultura no Rio Grande do Norte foi prejudicada por enchentes. No primeiro semestre de 2010, houve recuperação dos bananais devido à menor intensidade de chuva na região (por conta da atuação do *El Niño*). Já para as regiões Sul e Sudeste, a perspectiva é que o impacto do *La Niña* seja mais acentuado, visto que a previsão é de forte seca. Assim, a região do Vale do Ribeira (SP) poderá ser prejudicada caso a estiagem seja muito severa – o bom desenvolvimento da banana necessita de alta umidade.

ESPECIAL BATATA

Custo de produção da batata será tema de capa da edição de outubro/2010

Aguarde!





“É IMPORTANTE CULTIVAR VARIEDADES COM MELHOR PRODUTIVDADE”

ENTREVISTA: Newton Shun Iti Matsumoto

Newton Shun Iti Matsumoto é engenheiro agrônomo formado pela Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (Esalq/USP). Chegou ao Vale do São Francisco em 1987, quando trabalhava na Cooperativa Agrícola de Cotia. Desde 1990, é consultor de uva de mesa; em 2009, assumiu a Secretaria Municipal de Irrigação de Petrolina (PE); é também produtor e exportador de uva e manga.

Hortífruti Brasil: O senhor concorda com os resultados da pesquisa que apresentamos na Matéria de Capa desta edição?

Newton Shun Iti Matsumoto: Sim, a conclusão do trabalho confirma o que está acontecendo no Vale do São Francisco. O setor já vem mal há alguns anos, principalmente após a safra de 2008, quando muitos produtores saíram da atividade. Os que ficaram vêm buscando um melhor gerenciamento da sua propriedade. Muitos, porém, estão com dificuldades financeiras e, se não for feito algo, outros também poderão sair da atividade. Diante disso, os produtores no Vale do São Francisco estão tentando renegociar suas dívidas. A pesquisa que vocês apresentam é interessante, pois é preciso mudar a relação custo-benefício para manter a atividade sustentável.

HF Brasil: Como seria essa relação custo-benefício?

Matsumoto: As variedades que existem hoje, sobretudo as sem-semente, apresentam elevado custo de produção frente à receita que geram. É preciso mudar o cultivo da variedade, já que as de hoje têm baixa fertilidade. É importante procurar variedades sem-semente com características de variedades com semente, como a *red globe* e a *italia*, que produzem em média 40 toneladas por hectare. Além dessas variedades serem mais produtivas, também demandam menos mão-de-obra. Isso implica em redução no custo. No Brasil, o custo de produção das variedades com semente é em torno de 2 dólares por quilo até chegar ao porto de Recife, enquanto que, no Chile e no Peru, por exemplo, esse custo é de apenas

1,20-1,25 dólar/quilo. O que podemos concluir é que o nosso custo é realmente elevado. Diante disso, a principal ação pode ser mudar de variedade, em busca das que eu chamo de variedades “amigas do produtor”. Apresentam, por exemplo, bagas que crescem bem com pouca giberelina. Essas variedades “amigas dos produtor” já existem, mas ainda não são cultivadas no Brasil. São encontradas principalmente nos Estados Unidos e também na Europa. A adaptação no Brasil ainda leva um tempo, porque com a importação dessas variedades há a necessidade também de que seja criado um pacote tecnológico para o Brasil, que possui características edafoclimáticas diferentes das daqueles países. Comercialmente, essas novas variedades estarão disponíveis em torno de dois anos, pois ainda estão em fase de teste.

HF Brasil: Até que essas variedades cheguem ao mercado, qual a solução?

Matsumoto: Como apresentado na Matéria, é muito importante entender e saber a importância de se calcular e avaliar o custo de imobilização do capital, como o investimento em *packing house*. Ao invés de construírem grandes estruturas, o melhor seria ter uma estrutura menor com os trabalhos organizados em diversos turnos. Ao invés de construírem estruturas para armazenar embalagens, armazéns poderiam ser alugados. Essas medidas reduziriam muito o custo do capital imobilizado. Em função da baixa relação custo-benefício das atuais variedades sem-semente, a perspectiva é de dois a três anos “negros” para a viticultura no Vale do São Francisco, até que

novas variedades sejam viabilizadas. Até mesmo no Brasil, a competitividade do Vale é baixa porque os custos são mais elevados do que em outras regiões, tornando cara a fruta para o consumidor brasileiro. As importações do País vêm aumentando e representam um terço do total que é exportado pelo Brasil, aproximadamente. Se o custo de produção da uva sem-semente fosse reduzido, essa fruta poderia ser comercializada por preço semelhante ao da uva itália no País, por exemplo. Assim, mesmo que não aumentem as exportações, poderíamos destinar a fruta para o mercado doméstico, melhorando a rentabilidade dos produtores do Vale.

“A situação está difícil. Se não conseguirmos uma renegociação das nossas dívidas, muitas empresas devem fechar no encerramento da safra de 2010”

HF Brasil: Além de novas variedades e da redução dos custos fixos, há outras formas de diminuir, por exemplo, a mão-de-obra, que é o principal componente dos custos de produção?

Matsumoto: Algumas coisas estão no limite, não há mais o que otimizar. Nos últimos anos, o custo com mão-de-obra vem reduzindo de 10% a 15%. Atualmente, são duas pessoas por hectare. As medidas de redução dos custos com mão-de-obra já foram tomadas. No raleio, por exemplo, há uma menor demanda de mão-de-obra por conta da despenca química. Ao invés de utilizar 400 horas/homem por hectare, são utilizadas apenas 100 horas/homem para o raleio. Outro exemplo é fazer a poda de formação direta, sem o “neto”. Não vejo mais onde reduzir os custos com mão-de-obra, pelo menos para as variedades cultivadas até o momento, nem mesmo quanto às tecnologias de aplicação de defensivos, que melhoraram muito.

HF Brasil: Em 2008, muitas fazendas/empresas produtoras de uva desistiram de suas atividades no Vale. Essa tendência permanece?

Matsumoto: O ano de 2008 foi o pior, e foi quando houve a maior parte das desistências. Sobretudo para as empresas que já não eram competitivas, 2008 foi a “gota d’água”. Depois daquele ano, grandes empresas que gerenciam de forma eficiente aumentaram a

área de cultivo, principalmente com uva itália para o mercado interno, até mesmo, para o mercado nordestino, comercializando uva a granel e reduzindo, assim, os custos. A variedade itália melhorada tem produtividade boa, baga doce e custo baixo. Imagine a uva sem-semente nesse cenário. Já em 2009, mesmo produtores que tiveram quebra de produtividade de até 20% tiveram resultado positivo devido aos preços elevados. Para aqueles que tiveram quebra mais acentuada, a situação foi mais difícil, porém não houve mais desistências.

HF Brasil: Qual foi o perfil de propriedade que mais abandonou a cultura: pequena, média ou grande?

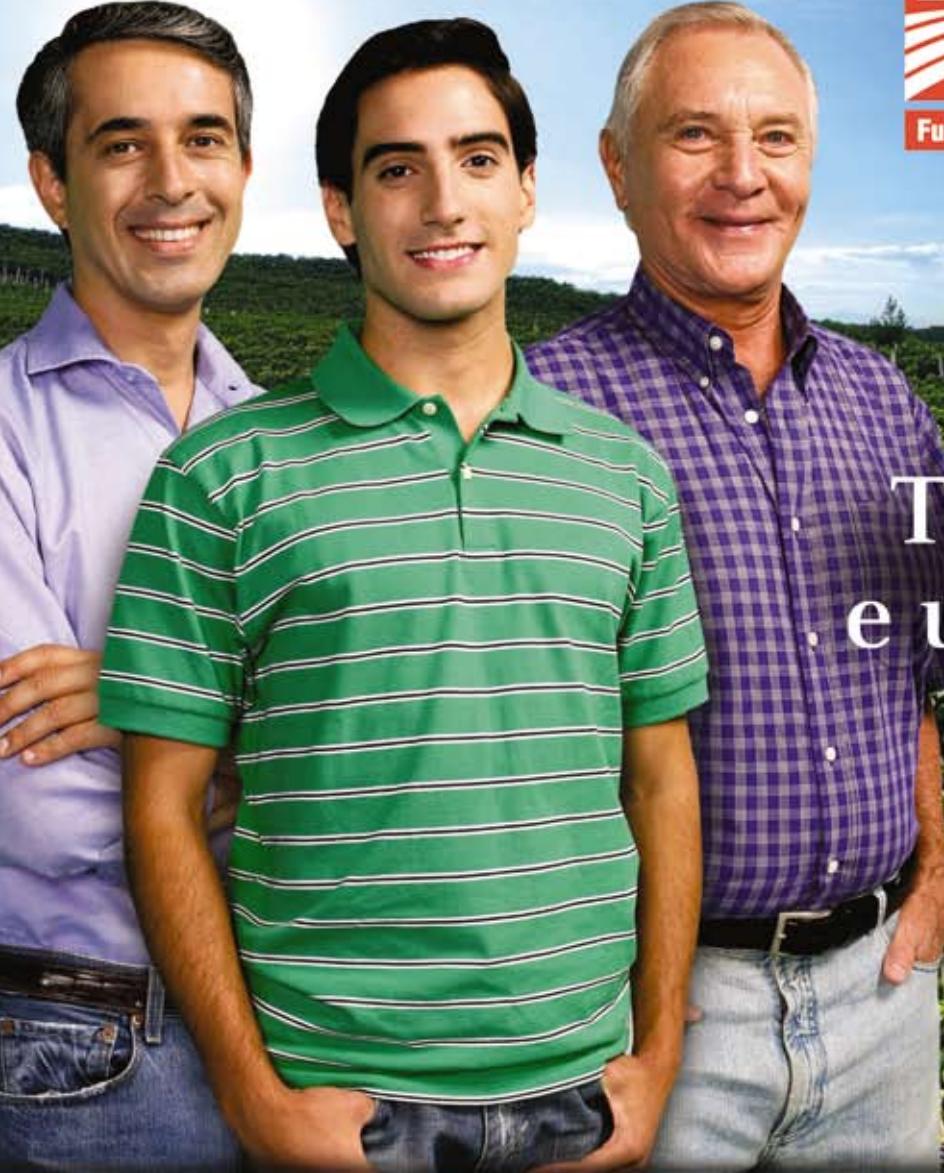
Matsumoto: Acho que não há uma relação entre escala de produção e desistência da atividade. Essas desistências estão mais relacionadas à eficiência gerencial, independente da escala de produção. Em termos de área, o percentual de desistência foi semelhante para todas as escalas. A situação está difícil. Se não conseguirmos uma renegociação das nossas dívidas, muitas empresas devem fechar no encerramento da safra de 2010.

HF Brasil: O senhor comentou sobre maior presença no mercado interno. Qual seria o principal diferencial competitivo do Vale do São Francisco?

Matsumoto: A uva do Centro-Sul está em segundo lugar como a fruta com maior presença de resíduo químico. Já a uva do Vale tem controle mais rígido por conta das certificações; apesar disso, fica prejudicada pela fama. É necessário fazer campanhas em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) pela Identificação Geográfica do produto. Outro ponto positivo é que as uvas da região do Vale têm mais resveratrol (composto antioxidante).

HF Brasil: Há mais algum ponto que o senhor gostaria de destacar?

Matsumoto: Sim, quanto aos custos com defensivos. Muitos ingredientes ativos são mais caros aqui do que no Chile, por exemplo. No País, alguns deles são mais caros em frutas do que em cereais. Isso estimula o uso do produto não registrado, o que para os produtores do Vale não ocorrerá devido ao controle das certificadoras para exportar. Outro aspecto é relativo à questão governamental. Nenhum governo até agora deu importância para a fruticultura. O governo deveria fazer acordos bilaterais para favorecer a cadeia da uva. Chile e Peru não pagam para entrar na Europa, já o Brasil paga tarifas de 8% a 14%. Acordos bilaterais, se o governo quiser, podem ser feitos. ■

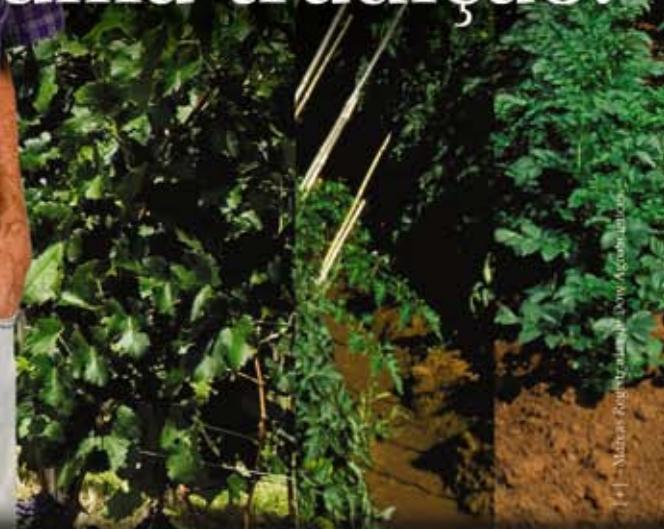


Dow AgroSciences

Dithane® NT
Fungicida



Três gerações e uma tradição!



ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO.

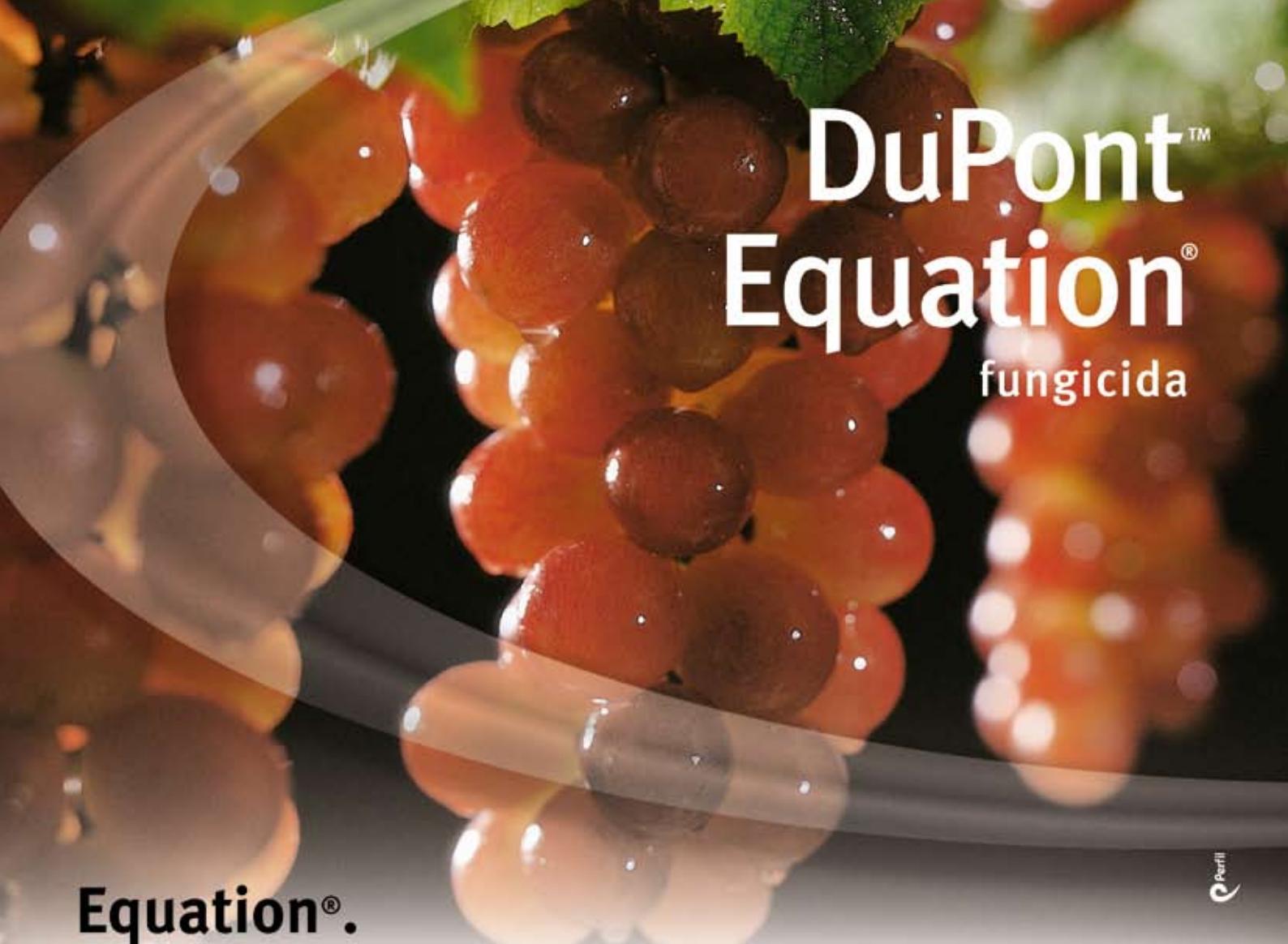


O sucesso de Dithane NT faz parte da tradição da família! Usado por gerações na proteção de batata, tomate, uva e outras 32 culturas. É atual e inovador! Quando alguém ia pensar em aplicar Dithane NT antes da chuva?

Hoje, isso já é possível! E o que mais será possível, já pensou? Nossos pesquisadores continuam pensando...



Dow AgroSciences



DuPont™ Equation® fungicida

Equation®. O fungicida multiação.

Veja os benefícios e vantagens de Equation® na cultura de uva:

- É o fungicida mais completo na prevenção do míldio (mufa), pois age em todas as fases do ciclo do fungo
- Atua dentro das plantas e nos cachos
- Não mancha as bagas de uva
- Alta resistência à lavagem pela chuva
- Aplicação fácil e prática devido à formulação WG (granulado dispersível em água) e baixa dose de uso
- Dosagem mais precisa – embalagem de 200 gramas

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITÁRIO
AGRONÔMICO.



Faça o Manejo Integrado de Pragas.

Descarte corretamente as embalagens e restos de produto.

© Copyright 2009, DuPont do Brasil S.A. - Todos os direitos reservados.
DuPont™ e Equation® são marcas registradas da DuPont.

Tele DuPont Agrícola
0800-707-5517
www.dupontagricola.com.br



Os milagres da ciência



**XII CONGRESSO
BRASILEIRO DE
FRUTICULTURA**
17 a 22 outubro 2010

PROGRAMAÇÃO GERAL



17/10 - DOMINGO

Horário	Atividades	Horário	Atividades
15:00	Credenciamento	20:00	Conferência Inaugural
19:00	Solenidade de Abertura	21:00	Apresentação Cultural e Coquetel

18/10 - SEGUNDA

Horário	Atividades
08:00	Mini-cursos - 12h 1. Cultivo de Fruteiras Orgânicas 2. Biotecnologia - Cultura de Tecidos 3. Manejo Integrado de Doenças 4. Manejo Integrado de Praga 5. Processamento mínimo de Fruta 6. Produção Integrada de Frutas 7. Fisiologia, qualidade e pós-colheita de frutas 8. Cultivos de plantas ornamentais: oportunidades e mercados 9. Cultivo de pequenos frutos vermelhos

SEGUNDA

Cursos - 20h

- 1. Técnicas de produção de uvas e influência na qualidade do vinho 20h.
- 2. Fabricação Caseira de Cerveja de Frutas.

10:30	Intervalo - Visita aos Estandes
11:00	Mini-cursos e cursos (continuação)
12:00	Almoços e simpósios satélites

- Conferência I : Políticas públicas para a fruticultura
- Conferência II : Avanços da biotecnologia na fruticultura
- Conferência III : A fruticultura na EMBRAPA

14:00	Mesa Redonda I : Potencial de Spondias na fruticultura (umbo, cajá, cajurana etc.)
15:00	Mesa Redonda II : Alternativas de fruteiras de clima temperado no semi-árido
	Mesa Redonda III : Frutíferas da Amazônia: oportunidades e mercado

19/10 - TERÇA

TERÇA

Horário	Atividades
08:00	Mini-cursos e cursos (continuação)
10:30	Intervalo - visita aos estandes
11:00	Mini-cursos e cursos (continuação)
12:00	Almoços e simpósios satélites

- Conferência IV : Importação e exportação de frutas
- Conferência V : Produção de frutíferas em cultivos protegidos
- Conferência VI : Novos avanços da defesa vegetal do Brasil

14:00	Mesa Redonda IV : Novas técnicas da agroinformática na fruticultura
15:00	Mesa Redonda V : Novos métodos não-destrutivos na avaliação da maturação de frutos
	Mesa Redonda VI : Papel das associações na fruticultura

19/10 - TERÇA

20/10 - QUARTA

QUARTA

Horário	Atividades
08:00	Mini-cursos e cursos (continuação)
10:30	Intervalo - visita aos estandes
11:00	Mini-cursos e cursos (continuação)
12:00	Almoços e simpósios satélites

- Conferência VII : A citricultura: desafios e oportunidades
- Conferência VIII : Nutrição e adubação de frutíferas
- Conferência IX : Aproveitamento de produtos e co-produtos da fruticultura na alimentação

14:00	Mesa Redonda VII : Papel da pesquisa e da extensão na fruticultura
15:00	Mesa Redonda VIII : Solo como elemento de sustentação da fruticultura
	Mesa Redonda IX : Produção integrada de frutíferas

20/10 - QUARTA

QUINTA

Horário	Atividades
08:00	Conferência X : Potenciais de frutíferas na produção de biodiesel (coco, dendê, babaçu e palmáceas)
09:00	Conferência XI : Funcionalidade das frutíferas na saúde
	Conferência XII : Instrumentação agrícola na fruticultura

- Mesa Redonda X : Casos de sucesso na fruticultura
- Mesa Redonda XI : Revista Brasileira de Fruticultura
- Mesa Redonda XII : Avaliação da eficiência dos serviços de polinização no incremento da produtividade de frutíferas

21/10 - QUINTA

QUINTA

Horário	Atividades
10:30	Intervalo - visita aos estandes
11:00	Apresentação de Trabalhos Técnicos (Oral e Pôsteres)
12:00	Apresentação de Trabalhos Técnicos (Oral e Pôsteres)
14:00	Assembleia da SBF e Cursos (continuação)

21/10 - QUINTA

SEXTA

Horário	Atividades
08:00	Cursos (continuação) e Saídas para as Excursões Técnicas
10:30	Intervalo
11:00	Cursos (continuação)
12:00	Almoço

Horário	Atividades
14:00	Excursões Técnicas
18:00	Término das Excursões Técnicas

Muito mais que uma publicação, a **Hortifrut Brasil** é o resultado de pesquisas de mercado desenvolvidas pela Equipe Hortifrut do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Esalq/USP.

As informações são coletadas através do contato direto com aqueles que movimentam a hortifruti nacional: produtores, atacadistas, exportadores etc. Esses dados passam pelo criterioso exame de nossos pesquisadores, que elaboraram as diversas análises da **Hortifrut Brasil**.

Uma publicação do CEPEA – ESALQ/USP
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
tel: (19) 3429 - 8808 Fax: 19 3429 - 8829
E-mail: hfbrasil@esalq.usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil